

ESTA SIMPÁTICA
VÊLHINHA É A
VIUVA DE JOÃO
DE DEUS, O GLO-
RIOSO POETA
DO "CAMPO DE
FLORES"



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 76 — LISBOA, 29 DE OUTUBRO DE 1942
PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

RELI, há dias, o discurso proferido por Victor Hugo, em Paris, no ano de 1878, ao celebrar-se a comemoração do primeiro centenário da morte de Voltaire. Não faltará quem diga, ao ler estas palavras, a que veem agora, em 1942, Voltaire e Victor Hugo. E, entretanto, temos de reconhecer que o Mundo parece, neste momento, incapaz de nos dar vultos idênticos: O discurso de Hugo tinha de ser digno de Voltaire — e foi-o. Voltaire significa espiritualmente, como sabem, a luta suprema do pensamento contra a matéria, do justo contra o injusto, do oprimido contra o opressor; da ternura contra a maldade. As suas cóleras literárias constituam o processo da sua indignação. Erguendo a sua pena contra o senhor feudal, o juiz gótico, o padre romano, proclamou, sobre os velhos códigos e os velhos dogmas, um novo clarão de luz. Venceu o despotismo com o sarcasmo, a infalibilidade com a ironia, a ignorância com a verdade, a violência — com o sorriso. Esse sorriso era, estruturalmente, a imagem de Voltaire. O admirável discurso do autor dos «Miseráveis» é, de certo modo, na sua majestosa eloquência, a história evocadora desse sorriso, ao mesmo tempo doce, forte, inquieto, contudente, luminoso e fecundo. Aqueles falsos sentimentais para quem só as lágrimas são fontes de bondade, de ternura, de indulgência e de perdão, se lessem estas páginas de Victor Hugo talvez passassem a chorar menos — e a sentir mais.

MÁXIMA

SE a lágrima é o forte da mulher perante o homem, — o sorriso é a fraqueza do homem, perante a mulher.

NAPOLEÃO NA RÚSSIA

EM pleno exame, um professor de História perguntou ao aluno:

— Quando Napoleão se viu obrigado a retirar da Rússia, quem reinava nesse país?

Imediatamente o examinando:

— Reinava um frio imenso, senhor professor.

UMA EXPOSIÇÃO

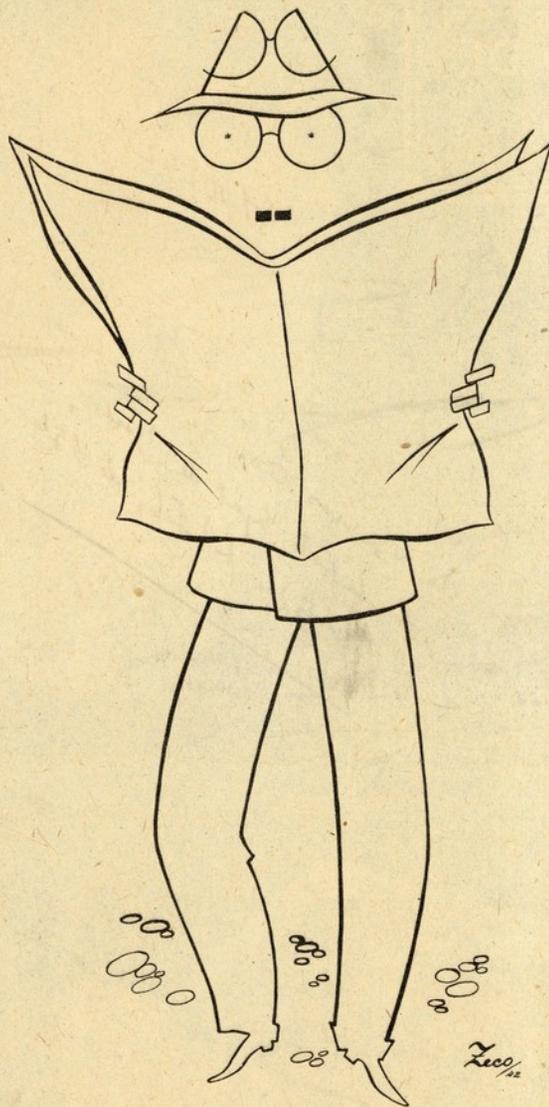
CONSTA que três dos nossos mais representativos caricaturistas — Stuart, Santana e Zeco — vão realizar, em breve, uma exposição de caricaturas. Êxito artístico não faltará; e materialmente não me admiro nada — se estoirarem de ricos...

OS MANDAMENTOS DO JORNALISTA

PERMITIMO-NOS publicar, neste instante, os dez mandamentos que se seguem. Envia-nos mão ignorada — mas que talvez pertença a algum homem ilustre. O jornalista digno deste nome, deve:

1.º — Amar a verdade sobre todas as coisas.

O ENSAÍSTA SÉRGIO



Um dia Newton, homem distraidíssimo, ao regressar a casa, enganou-se na porta, e bateu na porta de outra casa. Apareceu-lhe uma criada que ele não conhecia e, na vaga surpresa deste facto, perguntou-lhe:

— O senhor Newton não é aqui que mora?

— Não, aqui não é.

— Nem me sabe dizer onde seja?

— Não sei.

— Muito obrigado.

Saiu. E passou mais duma hora, em plena rua, na incerteza de saber onde éle próprio morava. Se me dissessem que este episódio se tinha passado com António Sérgio, eu acreditava. Distraído como todos os sábios e sábio como todos os distraídos, tem na rua o ar vagamente distraído de quem anda à procura — da casa onde mora. É um homem que dir-se-ia andar sempre a pensar noutra coisa. Essa «outra coisa» é, evidentemente, a alta literatura, a alta história — a alta política. Essa «outra coisa» é, no fundo, várias outras coisas. A sua obra, quaisquer que sejam os defeitos que porventura lhe encontrem os críticos exigentes, revela uma forte personalidade. «Cogit ergo sum». Quere dizer: cogita; portanto éle aí anda, filosofando. É um pensador — com um bigadinho de aluno do liceu; é um filósofo — com uma gravata de menino petulante. Quando está sério — sorri; quando está alegre — chora. A sua maior ilusão: a transformação do mundo; a sua maior desilusão: ter sido ministro.

2.º — Não publicar notícias que não sejam exactas.

3.º — Guardar as conveniências.

4.º — Honrar o jornal em que escreve.

5.º — Não matar a gramática.

6.º — Guardar a decência.

7.º — Não plagiar.

8.º — Não levantar boatos sem fundamento.

9.º — Não ir além daquilo que pode.

10.º — Não cobiçar a glória alheia.

EINSTEIN E TOSCANINI

UM belo dia o Grande Einstein conversava com o grande compositor Toscanini.

— Gostava, confesso, — dizia Toscanini — de saber em que consistia a teoria da relatividade.

— Nada mais simples — retorquiu Einstein. — Mas gostava também que me explicasse em que consiste uma sinfonia de Mozart.

— Isso não tem que explicar. É ouvir — e compreender.

Logo o sábio:

— O mesmo se dá com a relatividade. É apenas observar o Universo — e compreendê-lo!

CARDOSO DOS SANTOS

CONHECEM sem dúvida o coronel Cardoso dos Santos, poeta distinto. Pois há dias um seu terrerâneo definia assim Sua Ex.º:

— Um mavórtico poeta — e um mavioso militar.

Pode não estar certo — mas tem graça.

SERÁ POSSIVEL?

ARTUR Portela escrevia, há dias, a propósito do escritor dos *Galbús*: «Hoje já ninguém vê que Alves Redol vai nú no cortejo dos príncipes vestidos».

Se assim é, não haverá por aí alguém que lhe dê ao menos umas cuecas? Que diabol vestir os nús é uma das obras de misericórdia!

DANIELLE DARRIEUX

CONTA-SE que durante a recente estada da artista Danièle Darrieux, em Lisboa, um sujeito grave, disfarçado nuns óculos pretos, a esperou à saída do hotel, e dirigiu-se-lhe, apontando um revólver:

— Um autógrafo — ou a vida!

CLEMENCEAU

O Tigre assistia aos concêrto Lamoureux. Uma noite em que éle ouvia uma sinfonia de música modernista, perguntou a um seu vizinho de cfauteuil:

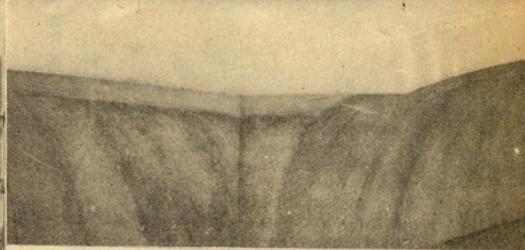
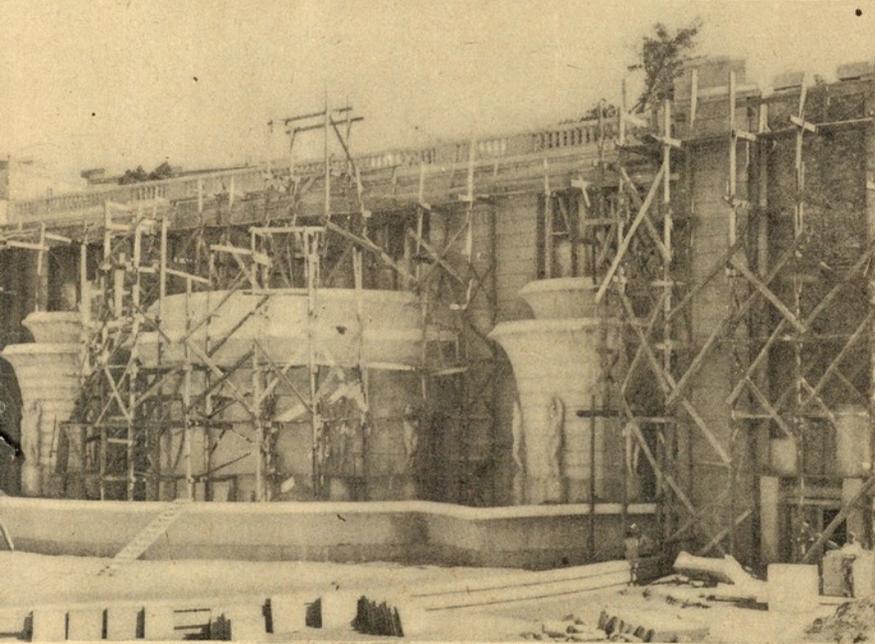
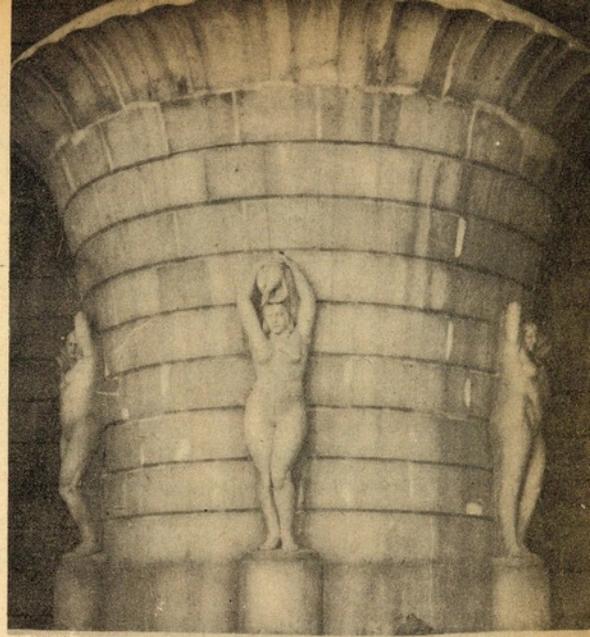
— Mas todos estes músicos tocam a mesma obra musical?

UM ROMANCE

HUGO Rocha publicou agora a *Paixão e morte dum rapaz romântico*. Lê-se com manifesto interesse. É um livro romântico que sabe bem nesta época realista em que vivemos. Saudemos, pois, o nosso Victor Hugo... Rocha!

Luis S. Oliveira

Uma Nova Lisboa que surge



A «Fonte Monumental» que está em construção numa das extremidades da Alameda de D. Afonso Henriques deve inaugurar-se em breve. Trata-se dum obra de arte que muito vai honrar os artistas e os operários portugueses. Ao alto, vê-se um dos motivos decorativos da «Fonte Monumental». Lisboa, mesmo para os que se habituaram a vê-la diariamente, vai modernizando-se, vai surgindo — vai surgindo uma nova Lisboa. Esta larga e soberba alameda será vista e apreciada por todos quantos chegarem a Lisboa por via aérea, pois fica no caminho do aeroporto da Portela de Sacavém — outra grande obra que honra o nosso país — o Portugal de 1942.

Soberba perspectiva da Alameda de D. Afonso Henriques, limitada pela «Fonte Monumental» e pelo edifício do Instituto Superior Técnico e onde se estão construindo belas moradias.



O clarim de vidro

A crónica dos 50 quilómetros

Porque vencem os japoneses?

A humanidade em alternativa

A guerra da China está terminada!

Visita ao professor voador

O tema imorredouro

Perdido para os soviets

Capital da arte europeia: Florença

Como é que elas se arranjam?

no n.º 21 da grande revista

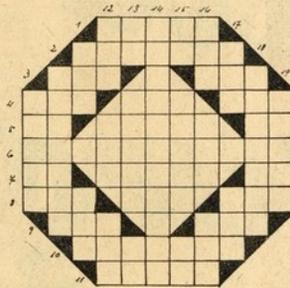
Sinal

Em distribuição

Cada exemplar, esc. 2\$00

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 45



Horizontais: 1, Dança da negros—2, Dona de moinho—3, Semelhante; Pref. (designativo de ar)—4, Circulo; Assim; Realidade—5, Escarneze; Mordicam; Grande quantidade—6, Pesquisem minuciosamente—7, Abrev. (antes de Cristo); Rio de Portugal; Não—8, Arrás; Coragem; Passado—9, Gracejas; Herdade.—10, Caixilho—11, Tumor.

Verticais: 1, Domínio; Sem dúvida—2, Altercar—3, Refinar (açú-

car)—12, Astro; Batráquio; Voz—13, O mais; Curas; Aprendi—14, Pensativo—15, Duplicadamente; Procura; Qualquer—16, Constelação austral; Curado; Ano de idade—17, Suf. pl. de ... al; Raiva—18, Qualquer conserto—19, Nome de homem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 44

Horizontais: 1, Vida; Vã; Mana—2, Arão; Pios; Aral—3, Ri; Saa; Avo; Cã—4, Aso; Mundial; Voo—5, Vão; Uli; Ubi—6, Cór; Aa; Aaz—7, Pá; Mel; Par; Ia—8, Ir; Ala; Ora; Ti—9, Adi; Má; Tão—10, Asi; Ir; Lar—11, Têr; Acaule; Ova—12, Sr; Cór; Eia Al—13, Pita; Orar; Toca—14, Oleo; Os; Asas.

Verticais: 1, Vara; Pi; Tipo—2, Iris; Cara; Eril—3, Dã; Ovo; Dar; Té—4, Aos; Armais; Cão—5, Amo; El; São—6, Pau; Lá; Cró—7, Vi; Núa; Mia; Ró—8, Ao; Dia; Arú; As—9, Sai; Pó; Lêr—10, Vau; Ar; Lei—11, Máo; Barata; Ata—12, Ar; Via; Aró; Os—13, Naco; Zito; Vaca—14, Alão; Ai; Alas.

O SORRISO DAS QUINTAS-FEIRAS



A MULHER—Vê lá se a banha, os chouriços e as farinheiras estão falsificados?...

O MARIDO—Que me importa—se os paguei com vinte mil réis falsos!...



NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
7.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
11.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
13.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
21.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
21.40 Noticiário	Ondas médias	m. 221,1	
		m. 283,2	
23.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

20.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
20.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

Vida MUNDIAL

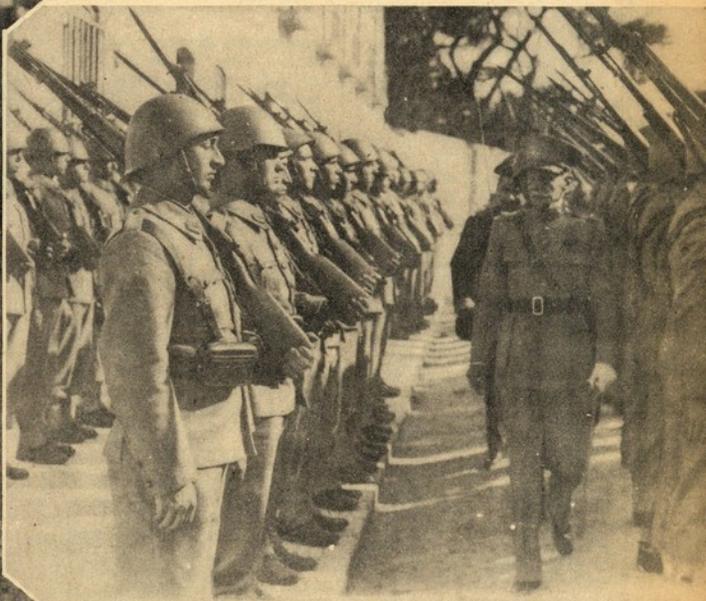
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO—Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS—Editor e Proprietário—Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844—Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd.—Travessa da Condessa do Rio, 27—Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º—Telefone 2 6942.

— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

Entre nós



No Roseiral de Lisboa, o sr. Presidente da República inaugurou uma exposição de cactos, plantas ornamentais e dólidas gigantes. Na gravura vê-se o sr. general Carmona com o floricultor João Moreira da Silva quando admirava um dos mais belos exemplares de cactos expostos.



No Instituto de Altos Estudos Militares, o Chefe do Estado presidiu à cerimónia de abertura do novo ano lectivo. O sr. Presidente da República, antes de assistir à sessão solene, acompanhado pelo sr. subsecretário de Estado da Guerra, passou revista à guarda de honra.



A direcção do Jardim Zoológico, para celebrar a inauguração de novos melhoramentos, ofereceu um «Pôrto de Honra» aos representantes da Imprensa.



DA FABRICAÇÃO DAS CHAPAS FOTOGRAFICAS A INVENÇÃO

DO Cinema

O maravilhoso romance dos Lumière

POUCO depois da guerra de 1870 instalou-se em Lyon uma família completa — pai, mãe e dois filhos — que tinha o luminoso apelido de Lumière, e que viera de Besançon, em busca dum meio mais propício para desenvolver o incipiente negócio de fotografia.

António Lumière, o pai Lumière, explorava então o invento recente de Daguerre e Niepce — fotografias espelhadas sobre placas de cobre ou de prata, um pouco confusas, e ante as quais era necessário uma elevada dose de boa vontade para reconhecer uma pessoa ou uma paisagem.

Os «daguerreotipos» interessaram as multidões — e o negócio prosperou. A casa de madeira da «rua de la Barre», onde Lumière instalara o «atelier», foi adquirida por ele e, em seu lugar, não tardou em erguer-se uma modesta moradia de pedra e cal — cuja solidez era um símbolo do progresso do estabelecimento comercial, que ali se acreditara.

A família, por sua vez, aumentou. Além dos dois filhos, Luiz e Augusto, nascidos em Besançon, sentaram-se à mesa patriarcal, dentro de pouco tempo, Eduardo — que havia de morrer na Grande Guerra — e três raparigas, que mais tarde desempenharam um importante papel num momento de crise.

Luiz e Augusto fizeram os seus estudos na escola de Lyon. O primeiro, que sofria de incompreensíveis crises nervosas, manifestadas sobretudo por horróricas dores de cabeça, que os médicos não conseguiam debelar, nem sempre podia ir às aulas. Ficava em casa e ajudava o pai nas complicadas manipulações da química fotográfica. Dedicava-se à música e à pintura. Extraordinariamente inteligente, conseguiu, porém, fazer os preparatórios para a Politécnica. A química era, então, a paixão dos dois irmãos. Obtiveram licença para trabalhar no laboratório da «Martinière» — a escola que haviam frequentado. E conseguiram, até, instalar em «Saint-Enogat», onde a família ia passar as férias, um pequeno laboratório, perdido num sítio distante, numa gruta formada pelos rochedos, a dois passos da Mancha... Mas só podiam prosseguir nas suas experiências, quando a maré baixava, porque, quando as águas subiam, o seu reduto tornava-se inacessível...

AS CHAPAS DA «ETIQUETA AZUL»...

Em 1880, a fotografia estava já mais adiantada. Abandonara-se o processo dos «daguerreotipos» pelo do colódio húmido. Mas o sistema tinha um contra: à medida que a

preparação secava, diminuía a sensibilidade. E, assim, para se fotografar uma paisagem, era necessário levar para o local respectivo uma «câmara escura de campanha», afim de preparar a emulsão necessária. Ora dois anos antes, o capitão Abney descobrira que era possível preparar, com brometo de potássio, chapas secas. O químico belga Monckhoven industrializara o invento. António Lumière viu imediatamente rasgar-se, diante dele, um futuro brilhantíssimo para o negócio. E com a noção do interesse que o invento deveria suscitar e com a compreensão do progresso que a fotografia não tardaria a atingir — resolveu abrir uma loja para venda de artigos fotográficos, à cabeça dos quais se encontravam as famosas chapas de Monckhoven.

Nem tudo correu, porém, como sonhara. A importação do artigo era dificultada pela morosidade da expedição. Na Bélgica, as encomendas choviam — e a indústria fóra montada em reduzida escala. E, num momento de desânimo, pai Lumière, que tinha uma fé ilimitada nos conhecimentos químicos do seu segundo filho, desabafara com ele:

— Se tu fosses capaz de inventar essas chapas!...

Após mil e uma dificuldades, Luiz conseguiu obter chapas secas muito mais sensíveis do que as belgas. Lumière pai exultou. Comprometeu todas as economias na exploração da invento do filho. Montou uma fábrica em Montplaisir. Mas não teve sorte. Os rendimentos tardaram. E, dentro de pouco tempo, confessava aos filhos que se encontrava à beira da falência. Foi a vez de Augusto intervir. E fez esta proposta simples: ele e Luiz assumiriam a direcção da fábrica. Com a ajuda das irmãs, lançar-se-iam ao trabalho. Procuraram os credores. Fizeram acordos. Pediram moratórias.

Entretanto, Luiz adoece. As perturbações nervosas da infância assaltam-no de novo. A fábrica prospera sob a direcção de Augusto. Luiz consegue chegar à fórmula definitiva das chapas da «etiqueta azul». E, dentro de alguns anos, a fábrica de Montplaisir que começara por um andar terreo, com duas dezenas de operários, ocupava 400.000 metros quadrados, dava que fazer a 800 trabalhadores e produzia 70.000 chapas por dia e 7.000 metros de papel fotográfico.

Luiz e Augusto, que desenvol-



Os irmãos Lumière trabalhando no seu laboratório de Lyon. Augusto — o que está de pé — completou, há dias, oitenta anos e foi, por esse motivo, cumprimentado pela municipalidade daquela cidade.

veram, deste modo, a fotografia — base do cinema — conheceram, então, duas raparigas irmãs, com quem vieram a casar. Os laços de parentesco que os uniam reforçaram-se. Até aos nossos dias, haviam de ser os mais dedicados e perfeitos colaboradores.

ONDE APARECE CLÉMENT MAURICE...

Em 1894, o cinema «andava no ar»...

O «Kinetoscópio de Edison» fazia furor e atraía as multidões. Anos antes, em 1880, Reynaud inventara o «praxinoscópio» e projectava desenhos animados sobre uma «écran». Marey, em 1889, aperfeiçoara o «revólver astronómico», com que Jansen estudara as fases da passagem de Vénus diante do Sol, e utilizando a sua «espingarda fotográfica», consegue obter uma série de imagens com intervalos regulares e extremamente curtos — e analisou, desta forma, o vôo das aves, o trote do cavalo, os gestos do homem.

Decomposto o movimento de seres animados, por meio da fotografia, tentou-se recompô-lo, com o auxílio do «Phenakistoscópio» de Plateau — e de outros aparelhos semelhantes. Mas estávamos ainda longe do cinema, porque para apreender a sensação do movimento era necessário espreitar por um visor — uma pessoa de cada vez — e as próprias imagens tinham um dinamismo muito convencional...

Demeny, colaborador de Marey, apresentara na Exposição de Fotografia de 1892, a «fotografia falante», dum homem que dizia: «Je vous aime»...

Conheciam-se, portanto, muitos princípios que haviam de constituir a base da cinematografia dos nossos dias: a projecção sobre uma superfície branca (a «lanterna mágica», que vinha desde tempos recuados e que, em 1727, o Abade Furetierre, descrevia em termos precisos, no seu dicionário famoso);

a persistência da imagem na retina, enunciada no século XVIII pelo físico francês, o Abade Mallet, princípio que dera origem ao «Phenakistoscópio»; a decomposição dos movimentos graças aos trabalhos de Marey, etc. O «Kinetoscópio» de Edison, com um filme que corria no sentido horizontal, e com uma metragem de cerca de vinte metros, era, por assim dizer, a forma embrionária do cinema dos nossos dias...

Ora os Lumière tinham um amigo em Paris, que depois de haver trabalhado em Montplaisir se encarregara dos negócios da fábrica, na capital. Esse amigo, Clément Maurice, levou António Lumière ao Boulevard Poissonnière, para lhe mostrar o «Kinetoscópio» de Edison. E Maurice teve este comentário, ao ver a «bicha» dos espectadores, que aguardavam o instante de espreitar, no visor:

— Calcula tu o negócio que seria, se fosse possível projectar estas imagens, de forma a serem vistas, ao mesmo tempo, por um público numeroso!

António Lumière interessou-se, imediatamente, pelo invento. Comprou o aparelho de Edison por 6.000 francos — uma fortuna naquele tempo. E confiou aos filhos o seu sonho.

O CINEMATÓGRAFO, NA SORBONNE

Luiz e Augusto Lumière lançaram-se ao trabalho. E viram imediatamente que a solução do problema residia nestes dois pontos:

1) Imobilizar, durante um curtíssimo lapso de tempo, a imagem em frente do sistema óptico que a deveria projectar. (Os irmãos Lumière partiram da base inicial de 15 imagens por segundo).

2) Cortar a luz, entre cada duas

imagens que se sucedessem.

Por outras palavras:

Inventar um sistema de desbobinar do filme, por arranques, sucessivos, e eliminar toda a luz que não fosse a da projecção de cada imagem parada.

Parece-nos inútil estar a esmiuçar todas as fases das experiências que, com mais ou menos aperfeiçoamentos, haviam de chegar ao sistema utilizado nos nossos dias: a cruz de malta, que obriga o filme a imobilizar-se ante o quadro, à razão de 24 imagens por segundo (dezasseis, no tempo do mudo) e o obturador, um disco opaco que gira sincronicamente com o arranque e que tem um sector aberto, que permite a chegada à tela do feixe luminoso, quando a imagem está parada no quadro.

A primeira fase do sistema de arranque, o quadro «porte-griffes», foi inventado por Luis Lumière. Anos depois, Augusto deveria escrever:

«Foi uma revelação! Abandonei imediatamente a solução precária que havia imaginado. O meu irmão, numa noite, descobriu o Cinematógrafo».

Moisson, o chefe mecânico de Montplaisir, construiu o primeiro aparelho. E munido dum tira de celuloide que ele próprio perfurou e emulsionou, Luis Lumière pôde registar os primeiros dezasseis metros de filme: a saída dos operários da fábrica de Montplaisir.

E, nessa noite, os dois irmãos, emocionados, projectaram sobre uma parede do laboratório o resultado das suas experiências! Na escuridão do ambiente rasgou-se um rectângulo de luz! E, subitamente, apareceu a fachada da fábrica e os operários começaram a sair lentamente...

Estava descoberto o cinematógrafo!

Limadas algumas imperfeições, os dois irmãos registavam, a 13 de Fevereiro de 1895, em Lyon, o seu invento:

Ao contrário do que poderia supor-se, o público não tomou contacto immediato com o resultado dos seus trabalhos. A 22 de Março de 1895, os Lumières, apresentaram o «cinematógrafo» na «Société d'Encouragement à l'Industrie Nationale». Em Junho, realizou-se em Lyon, o congresso das Sociedades Cinematográficas de França. Luis Lumière filmou os congressistas e realizou, assim, a primeira «actualidade». Pediu depois ao presidente do Congresso, Janssen, director do Observatório de Paris, e o construtor da pistola astronómica a que já aludimos, para se deixar filmar, em conversa com o seu amigo Lagrange.

Nessa noite, exibiu-se o filme. Janssen e Lagrange repetiram a conversa, por detrás da tela — e esboçou-se, deste modo, o primeiro filme falado...

Na sessão do encerramento, Janssen deveria considerar a experiência dos Lumières, a «fotografia animada», como «o maior acontecimento do Congresso». E acrescentava: «Conhecíamos já os trabalhos de Edison e Muybridge. Mas o quadro animado que se deve a estes inventores, apenas podia ser visto por uma pessoa.

Com os senhores Lumière — é toda uma assembleia que experimenta o prazer de assistir a tão assombrosa ilusão».

Charles Pathé, que deveria impulsionar a industrialização do invento, pôs o problema, ao autor destas linhas, em palavras simples:

— Edison foi o primeiro a conseguir a imagem animada. Mas os irmãos Lumière tornaram-na acessível às multidões.

A 10 de Novembro de 1895, Luis Lumière apresentou o invento, pela primeira vez no estrangeiro, em Bruxelas, na Associação de Fotografia daquela cidade.

E a 16 do mesmo mês, na Sorbonne, perante as mais altas personalidades do mundo científico, o Cinematógrafo teve a sua consagração oficial!

A MEMORÁVEL SESSÃO, NO GRAND CAFÉ

António Lumière, desde então, pensou em explorar comercialmente o invento dos seus dois filhos. Conversou com Clément Maurice sobre a melhor forma de o fazer. Onde encontrar a sala adequada para as sessões? Maurice conhecia um tal Borgo, gerente do «Grand Café», no Boulevard des Capucines, que tinha nas caves uma instalação ideal para esse efeito.

Foram procurar o homem, para lhe propor o negócio. Mas este, quando ouviu falar em «projeções animadas sobre um lençol», achou a transacção arriscada e não se entusiasmou com os 20 por cento sobre a receita, que lhe ofereciam. E preferiu alugar a sala, por 30 francos diários e pelo prazo dum ano.

Clement Maurice, nomeado concessionário do Cinematógrafo Lumière para Paris e arredores, lançou-se ao trabalho. Arranjou a sala, que deveria ser o primeiro cinema europeu, e baptizou-a com o nome pomposo de «Salão Índio». Lumière regressou a Lyon. Luis aproveitara uma estadia em Ciotat, para filmar a chegada dum comboio, o movimento dos barcos no porto, os banhistas na praia.

Tirava os positivos servindo-se da luz do próprio sol, reflectida sobre um papel branco colocado na parede. E organizara o pri-

meiro programa — com várias cópias sobressalentes, na previsão de acidentes...

Nas vésperas do Natal, tudo estava a postos. E, finalmente, no dia 28 de Dezembro de 1895, realizou-se a primeira sessão cinematográfica.

A porta do Grand Café, havia dois cartazes: um era um desenho ingénuo duma «bicha» de espectadores que pretendiam ver o espectáculo — previsão que mais tarde deveria ser largamente excedida pelos factos. O outro reservava assim:

CINEMATÓGRAFO LUMIÈRE

Este aparelho, inventado pelos senhores Augusto e Luis Lumière, permite recolher por séries de provas instantâneas, todos os movimentos que, durante um certo lapso de tempo, se sucedem perante a objectiva e de reproduzir, em seguida, esses movimentos, projectando em tamanho natural, perante uma sala inteira, as suas imagens sobre um «écran».

ASSUNTOS ACTUAIS

1. Saída da Fábrica Lumière, em Lyon
2. Zanga de bebés
3. Os peixinhos vermelhos.
4. A chegada do comboio
5. O regimento
6. O ferrador
7. A partida de «écarté»
8. Ervas daninhas
9. A parade
10. O mar.

Na cabine, Moisson, o mecânico de Montplaisir, que construiu o primeiro aparelho, dava à manivela. O preço dos lugares fora fixado em um franco — e a duração do espectáculo não excedia 20 minutos, pois cada filme não ia além de 16 a 17 metros.

O êxito foi enorme. O público, desconfiado à principio, mostrou-se surpreendido. Era a revelação prodigiosa dum mundo novo. Havia exclamações de assombro:

— Olha as árvores a mexer!...
Com a «chegada do comboio» e as imagens marítimas da Ciotat — o entusiasmo subiu ao rubro. Parte do público assustara-se quando uma «charrette» avançara a trote, em direcção à plateia...

— Não há dúvida! É a vida!... Que ilusão magnífica!

A bilheteira rendeu 35 francos. Naquele mesmo instante, Méliès, que havia de ficar como o primeiro grande cineasta francês, oferecia 10.000 francos — uma soma fabulosa! — para instalar o aparelho no Teatro Robert-Houdin, onde apresentava sortes de prestidigitação!

Thomas, director do Museu Grévin, fixava a oferta em 20.000 francos. E Lallemand, o director de Folies Bergères, dobrava a parada, com 50.000 francos!

Tinha nascido o cinema. E, em redor dos «grandes mágicos» — assim lhes chamara um jornalista da época — agitava-se já o mundo de interesses, que deveria tornar o cinema numa das mais poderosas indústrias e no maior espectáculo do nosso século!

47 ANOS DEPOIS

Desde então, Luis e Augusto Lumière — vitórias inteiras dedicadas ao estudo e ao progresso da Ciência, nos mais variados e atraentes aspectos — assistiram ao desenvolver vertiginoso da nova fórmula de expressão, que haviam criado. Luis Lumière foi homenageado em 1935, quando o Cinema completou 40 anos de idade! Augusto — cujos 80 anos a Municipalidade de Lyon comemorou no dia 19 do mês corrente — associou-se à festa e declarou então que o cinema se devia exclusivamente a Luis Lumière, e que ele «se limitara a imaginar e realizar o dispositivo, graças ao qual se puderam registar as primeiras projecções animadas».

O que não resta dúvida é que, tanto um como outro, colaboraram com igual entusiasmo na descoberta maravilhosa, a que ligaram o seu nome. Hoje, há 90.000 cinemas no mundo inteiro, frequentados por 225 milhões de espectadores, e que consomem 600.000 quilómetros de filme por ano.

Os irmãos Lumière puderam assistir ao desenvolvimento maravilhoso do seu invento — ao romance apaixonante do Cinematógrafo. E esse foi o maior prémio que a vida lhes reservou!

FERNANDO FRAGOSO

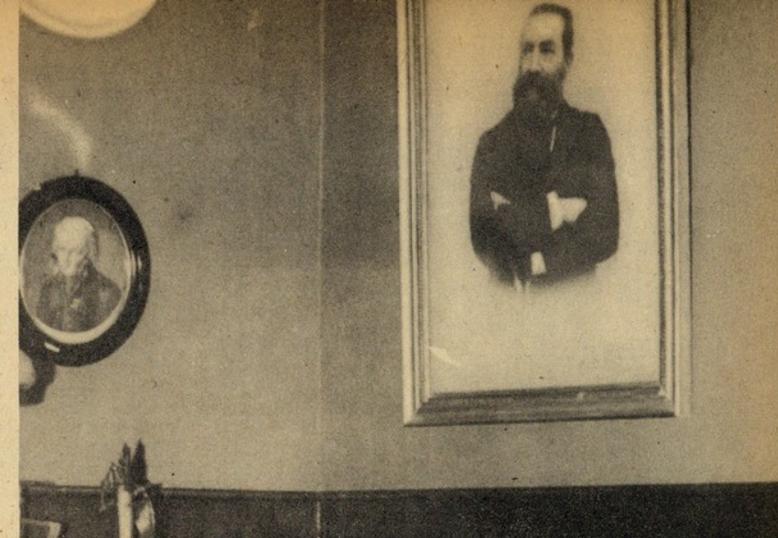


O primeiro cartaz de publicidade que reclamava um dos primeiros filmes dos irmãos Lumière, intitulado: «L'arroseur arrosé».

Uma educação do grande poeta João de Deus



João de Deus.



A sr. D. Guilhermina Bataglia Ramos, viúva de João de Deus, que tem 93 anos, condescendeu a «posar» para «Vida Mundial Ilustrada».

No último domingo realizou-se no Jardim da Estréla a inauguração do monumento a João de Deus. A «Vida Mundial Ilustrada» associa-se a essa homenagem, tão justa e tão oportuna, publicando uma evocação escrita por Luís de Oliveira Guimarães e Silva Bastos — e que foi representada, há pouco, no Teatro Sá da Bandeira, do Pôrto, na noite em que se celebrou a memória do grande poeta das flores e das crianças.

o muro do pátio, abrindo ao meio numa larga cancela que comunica com a estrada e para além da qual se adivinha a mancha luminosa da paisagem. No pátio, alguns bancos destinados aos alunos. De frente desses bancos uma mesa e uma cadeira para Clarinha. Perto, sobre um cavalete a clássica ardósia escolar. — Trepadeiras, vasos com flores, árvores viçosas...

De manhã. A acção passa-se em 1895. Trajos da época, a rigor.

Quando sobe o pano CLARINHA, tratando das flores, cantarola.

CLARINHA

Se eu andasse no teu peito, Sabia o teu interior; Assim, como lá não ando, Não sei se me tens amor!

PADRE JOAQUIM (entrando, apoiado à sua grossa bengala, pela cancela) — Bom dia, Clarinha!

CLARINHA (indo-lhe ao encontro e beijando-lhe a mão) — Bom

dia, padrinho! Tão cedo por estas paragens?

PADRE JOAQUIM — Vou a casa do Faguiha latoeiro. Por causa dum dos castiçais da igreja. Quebrou-se esta manhã. Talvez ele mo concerte. — Pareceu-me ouvir-te cantar: entrei...

CLARINHA — Para me dar a sua bênção? Muito obrigado.

PADRE JOAQUIM — E a tua mãe como está?

CLARINHA — Sempre a queixar-se...

PADRE JOAQUIM — É o inverno... Que direi eu que tenho mais quinze anos do que ela!

CLARINHA — Oh! Padrinho!

PADRE JOAQUIM — E os teus alunos?

CLARINHA — Devem estar a chegar.

PADRE JOAQUIM — Obra meritória a tua, rapariga! Não é só rezando que se ergue a alma a Deus; é também educando. A ignorância é como a noite, noite cerrada se não aparecem estrelas como tu...

CLARINHA — O seu coração bondoso é que vê em mim méritos que não tenho.

PADRE JOAQUIM (sorrindo) — Lembra-te que a modéstia excessiva é uma das formas da vaidade; a vaidade é um pecado feio e eu não posso perdoar aos que pecam — mesmo que sejam meus afilhados...

CLARINHA — Sempre gostei muito de flores e as crianças são como as flores. Então as singelas

flores do campo em que, tantas vezes, se não repara, essas enternecem-me...

PADRE JOAQUIM — Por isso a tua escola — a escola que tu aqui improvisaste — assemelha-se a um pequenino campo de flores que tu cultivas como um grande jardineiro... João de Deus tem em ti uma discípula que faz honra ao mestre!

CLARINHA — Se alguém o ouviu...

PADRE JOAQUIM — A verdade diz-se sempre. — Agora por João de Deus... Talvez não saibas que hoje em Lisboa há uma extraordinária manifestação em sua homenagem... Homens de Estado, homens de letras, mocidade das escolas, o povo, o próprio Rei, tudo irá a casa dele...

CLARINHA — A casa dele?

PADRE JOAQUIM — Pagar-lhe a grande dívida de gratidão que lhe devem. — Se eu estivesse em Lisboa também iria dar-lhe um abraço... Fomos companheiros de casa, em Coimbra... Já lá vão quasi cinquenta anos! Depois cada um de nós seguiu o seu destino...

CLARINHA — Conheceu-o bem?

PADRE JOAQUIM — Se o conheci bem! Estou a vê-lo: terno, bondoso, sentimental, descuidado, envolto na sua capa negra, olhando os salgueirais do Mondego... Uma noite — lembro-me como se fosse hoje! — discutia ele com Antero de Quental a existência de Deus. A certa altura diz-lhe: — «Se Deus não existisse, Antero, eu ficava reduzido a chamar-me só João...» Tinha coisas!

CLARINHA — E já fazia versos?

PADRE JOAQUIM — Nasceu Poeta, Poeta tão grande que nem se importava com os versos que fazia! Certa vez escreveu uma poesia e entregou-ma, com um sorriso: — «Ó Joaquim, emenda isso se fazes favor...» Eu que nunca soube medir versos, calcula! Querido João! Aos anos que não o vejo...

CLARINHA — A casa dele enche-se hoje de flores, com certeza...

PADRE JOAQUIM — A festa a João de Deus deve ser uma festa à Primavera! — (Os alunos vêm entrando, com os seus livros. Dirige-se para os cumprimentos a Clarinha e Padre Joaquim. «Bons dias menina Clarinha, bons dias Senhor Padre Joaquim, bons dias Senhor Prior.» Beijam a mão de Padre Joaquim que os abençoa. Encaminham-se para os seus lugares mas ficam de pé.) Vou deixar-te com as tuas

flores... Adeus Clarinha... Recados à tua mãe...

CLARINHA — Muito obrigada, padrinho. Estimei muito vê-lo.

PADRE JOAQUIM (aos alunos) — Juízo! E que Deus vos abençoe... (Sai. Clarinha acompanha-o até à cancela; volta senta-se à sua mesa de professora, enquanto os alunos tomam os seus lugares.)

CLARINHA — Vem ao quadro, Maria Ângela. (Levanta-se uma aluna que se dirige para o quadro preto. Pega num trapo e num pau de giz. Prepara-se para escrever.) Ora escreve aí, em letras bem grandes a data de hoje: Oito de Março de 1895. (A aluna escreve.) Quero que todos fixem bem: oito de Março de 1895. O dia de hoje vai ficar célebre para sempre. Portugal inteiro, numa grande romaria irá a casa de João de Deus, prestar-lhe uma grande homenagem de gratidão. Sua Majestade o Rei associa-se, como um simples filho do povo, a esta homenagem e diz-se que, irá em pessoa, abraçar João de Deus. Todos os rapazes, desde os das primeiras letras aos que são quasi doutores, lá irão também, dar vivas, transbordar as ruas com a grandeza das suas al-

mas. (Voltando-se para a aluna que está no quadro) — O Maria Ângela, tu sabes quem é João de Deus?

MARIA ANGELA — Sei, sim, menina Clarinha.

CLARINHA — Então, diz-me lá, quem é?...

MARIA ANGELA — É um senhor Poeta, que faz versos muito lindos e inventou a «Cartilha Maternal».

CLARINHA — Muito bem. É isso mesmo... Ora eu quero que nos associemos também a essa homenagem. Pensemos em João de Deus.

De Deus por doce magia, E Santo — formosa sina! — Porque à Terra Deus o envia Como mensagem divina.

João de Deus: luz intensa, Luz de estrelas, luz estranha. Uma obra que é imensa E uma Alma que é montanha.

Versos que são gotas de água, Gorgeios de passarinhos E queixas — tormento e mágoa — Pela dor dos pobrezinhos.

bondade e tanta... mas tanta!... Tão alta e de tal sabor, Que a sua palavra santa Fêz um milagre de Amor.

D. LUIZ DE RIBA D'ALVA — (que escutou as duas últimas quadras, declamadas por Clarinha, aparece ao fundo) — Bravo, menina Clarinha, muito bem.

CLARINHA — Estava aí, Senhor D. Luiz? (Para os alunos) Levantem-se.

VOZES DOS ALUNOS — Bons dias, Senhor D. Luiz.

D. LUIZ — (Para os alunos) Deus vos dê muitos bons dias... Sentem-se.

CLARINHA — Vai para o teu lugar, Maria Ângela. (A aluna vai para o seu lugar.)

D. LUIZ — Pois gostei de ouvir, menina Clarinha. Não sei bem do que se trata mas, palavra de honra, que gostei. Falava de João de Deus, certamente...

CLARINHA — É verdade, Senhor D. Luiz. Estava a explicar aos meus alunos quem é João de Deus.

D. LUIZ — Li no jornal que milhares de portugueses lhe vão prestar hoje uma grande homenagem.

CLARINHA — Uma grande e merecida homenagem. Sublime Poeta e educador ele bem merece o carinho de todos os bons portugueses.

D. LUIZ — ...E os seus alunos aproveitam?

CLARINHA — Todos sabem ler e escrever e alguns estão habilitados a fazer o seu exame.

D. LUIZ — Nunca pensei que a sua obra, menina Clarinha, tivesse tanto êxito.

CLARINHA — É tão fácil, nesta bendita terra ver a semente germinar.

D. LUIZ — Olhe Clarinha: — Eu tenho viajado muito, tenho andado por meio mundo. E minha intenção morrer aqui, na minha terra, e na terra de meus antepassados... mas não queria morrer...

CLARINHA — Nem fale nisso... O Senhor ainda é tão novo...

D. LUIZ — Deixe-me continuar. Não queria morrer, sem fazer qualquer coisa de útil a toda esta gente, sempre tão boa e tão minha amiga. O que me aconselha?

CLARINHA — Não sei... Pense Vossa Senhoria e faça o que o seu coração lhe ordenar.

D. LUIZ — Quando há pouco parei ocasionalmente na cancela deste pátio e vi o lindo quadro em que a Clarinha era a principal figura o meu coração disse-me que fundasse uma Escola e a entregasse aos seus cuidados.

CLARINHA — Grande alma a sua, Senhor D. Luiz...



O monumento a João de Deus, inaugurado no último domingo no Jardim da Estréla

A viúva do poeta do «Campo de Flores» ainda há pouco tempo examinava, no «Jardim-Escola» os alunos «finalistas».



D. LUIZ — Aceitava o encargo? CLARINHA — Com todo o coração. Não por mim, mas por eles. Por esta pobre gente que começa a colher os benefícios de saber ler e escrever.

D. LUIZ — Quere saber de que maneira eu visiono a escola que de-sejo fundar?

CLARINHA (cheia de emoção) — Diga! Diga!

D. LUIZ

Vejo um jardim. Crianças e pardais. A brincarem, a rirem de contentes, Nas mesmas chilreadas matinais, Nos mesmos vóos de asas inocentes.

E vejo no Jardim a Escola ao meio, Cheia de risos claros e marotos. E vejo o Sol brincando no recreio Com as danças de roda dos garotos.

E grandes árvores seculares, frondosas... Direitas, firmes como fortalezas. E rosas, muitas rosas... muitas rosas...

De todo o ano e belas portuguesas. E crianças brincando, em chusma.

CLARINHA (num enlévo)

Escola que ensine a amar o semelhante E encha de luz os corações ateus, Para que o Homem seja mais presente

E seja digno de João de Deus.

Cartilha Maternal bem soletrada É pão da terra que do Céu provém... Bendita seja a terra bem lavrada!

PADRE JOAQUIM (entrando e ouvindo as últimas palavras de Clarinha)

Bendito seja quem semeia o Bem!

LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARAES

SILVA BASTOS



Ligados os seus destinos aos do Reich, nesta luta tremenda que convulsiona o mundo, a Itália procura prestar toda a sua cooperação aos exércitos da Alemanha que combatem nas várias frentes. Assim, soldados italianos lutam presentemente ao lado dos germanos tanto nos desertos de África como nas infundáveis estepes da Rússia. Esta foto mostra-nos Mussolini passando em revista soldados do seu país que seguem para a formidável batalha do leste.

A guerra a prazo

por Francisco Velloso

SOB autorizada assinatura, encontramos há dias um dos mais lúcidos e percucientes resumos da actual situação internacional, precisamente no gume do dilema que nela pendecêra do destino deste conflito e do mundo, e que se contém nesta interrogação enervada: — qual o prazo da guerra?

Depois das comições recentemente provocadas pelas declarações de Estaline e de Wilkie, pelo discurso de Churchill, pela revelação de Roosevelt sobre a criação da unidade de operações, pela chegada de Smuts a Londres, pelo incidente com a Argentina e o Chile, pelo final da presente ofensiva na campanha alemã na Rússia, — os sucessos conduzem-se todos, realmente, na jornada em que os vimos seguindo semana por semana, pelo rastro, em direcção àquela pergunta. Só valem agora pelo que podem contribuir para uma resposta formal ou perentória a dar-lhe.

E se percorreremos crónicas e crónicas passadas, hemos de verificar que com razão procurámos sempre interpretá-los nas linhas convergentes que os encaminhavam para este transe dominador e crucial.

OS ANOS DECISIVOS

Toda a guerra é função dos esforços que nela se empenham. Eles dependem, porém, de planos pré-estabelecidos, e estes desdobram-se no tempo. Daqui que a concepção de uma guerra é primordialmente função de um prazo em que o jogo das operações politico-militares que a compõem, têm de efectuar-se e rematar.

«Se numa guerra há o objectivo de a fazer o mais curta possível, escreve aquele autor, a estratégia orienta-se para a batalha contínua, para a batalha de aniquilamento. Esta estratégia exige privações e esforços, implica sacrifícios e perdas, mas aceita uns e outros porque está inspirada em que a curto prazo, a batalha trará o bom êxito final. Pelo contrário, contando-se com uma guerra longa, de dez anos e mais, a estratégia procurará, em regra, a suprema tensão das vontades, inclinar-se-há para o que pode chamar-se a condução lenta das hostilidades, da qual a história oferece múltiplos exemplos. Mas a estratégia a longo prazo deve apreciar cuidadosamente o custo de cada operação. Porque a admitir-se que nem as batalhas, nem triunfos mesmo repetidos, podem, em caso algum, determinar o final do conflito, logicamente tem de perguntar-se em que circunstâncias vale então a pena travar batalha, e o chefe é naturalmente tentado a restringir a sua actividade e a não afrontar assásmente os riscos.»

O maior historiador militar da Alemanha debateu esta questão, na qual

à concepção de que ganha a guerra quem tiver no bolso o último escudo se opõe a que Maquiavel formulou, ao dizer que quem tem soldados, pode arranjar dinheiro; e considerá-las ao mesmo tempo falsas e verdadeiras, pois se na guerra prevalece o dinheiro, a estratégia tende para a manobra, e se o soldado, tende para a batalha. «Oposição análoga — diz êle — existe quanto às perdas maiores ou menores que o exército em qualquer caso sofre. Na estratégia de aniquilamento, não há inquietação necessária por causa das perdas visto que uma vez ganha, a batalha implicará o triunfo

tratégia alemã o problema decisivo. Na primeira fase, importava essencialmente ocupar territórios, e lá chegámos graças às armas modernas que vencem o espaço. Agora entramos na fase seguinte, ou seja na organização do espaço conquistado que deve conduzir à decisão. Retomando o conceito do autor atrás citado, os alemães têm de transformar o potencial de guerra conquistado em armas e efectivos. Os Aliados, num certo prazo, em consequência de um

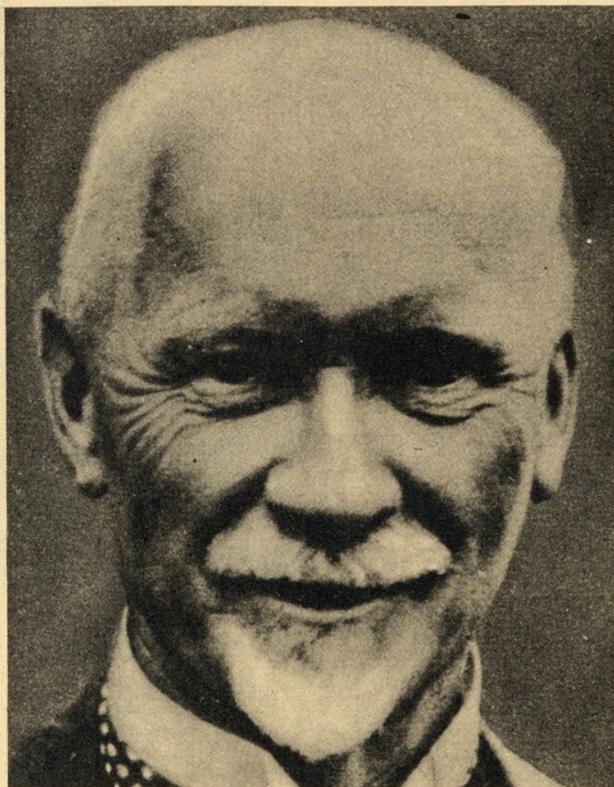
a estratégia alemã, na sua fase próxima será orientada para aquilo que pode chamar-se uma moratória estratégica: Ora, se se derem anos aos alemães, eles conseguirão organizar todo o continente, e mais ainda, organizar os territórios ocupados pelo Japão, e constituirão assim um espaço, não só invulnêravel ao bloqueio mas capaz de manter uma monstruosa máquina de guerra, com milhões de recrutados nos povos vencidos para trabalharem nas fábricas ou morrerem nos campos de batalha. Devemos dizer que se trata de um autor francês, e pertencem-lhe estas palavras: *As maiores probabilidades de vitória para os Aliados correm nos anos que vêm. As declarações de Churchill anunciando que os anos de 1943-1944 seriam decisivos, tomam valor de profecias geniais.*

Wilkie tinha pois razão ao anunciar de Moscovo que o tempo começava a trabalhar contra os Aliados, como trabalhara contra o seu poderoso adversário. E é preciso dizer que só uma organização de guerra total como a do Reich seria capaz desta mutação que evitou a catástrofe no momento próprio.

Chegou o inverno. No dia 21 de Outubro já as chuvas, a neve e as nuvens baixas impediam o rolar das operações de assalto e a visibilidade necessária à Aviação. Há dois meses, o estado-maior alemão via o problema. Enfrentou-o. Preparou logo a campanha de inverno, e confiou na experiência de 1941 em que os russos, em condições excepcionalmente favoráveis, só obtiveram resultados de curto raio, e em que eles não possuem uma técnica de ataque — tomou o problema pela base, isto é pelos sacrifícios dos próprios efectivos e material, e operou a mutação total do plano da guerra proclamando a defensiva continental (não confundir esta com enfraquecimento). Não conseguiu destruir o exército de Timochenko mas fez a política do espaço, colocando diante dos Aliados outro problema maior: — o prolongamento da guerra.

DILEMAS DE ONTEM E DE HOJE

No dia 13 de Outubro o portavoz da rádio alemã, dizia o seguinte: «Nos três anos decorridos, sempre na ofensiva, as potências do pacto tripartido fizeram tais conquistas e alcançaram tais vitórias que não é possível que percam a guerra, mesmo que, de futuro, se limitem a defender os territórios conquistados. Isto significa que a Alemanha e os seus aliados, ao fim de três anos de guerra, conquistaram uma posição na qual podem aguardar, com calma e com a certeza da vitória, todas as eventualidades. O termo desta guerra não pode ser previsto, Mas as potências do pacto tripartido acumularam tais forças que, com o tempo e o espaço



Marechal Smuts

total e portanto o rápido final do conflito. Pelo contrário, na estratégia de esgotamento, há-de ter-se em conta com muito cuidado as perdas próprias, porque se uma e mais batalhas ganhas não podem dar termo à guerra, é-se obrigado a perguntar se os lucros dessas vitórias bastam a balancear e compensar as perdas que elas custaram.»

Diante destas considerações, absolutamente reais, aparece esclarecida a modificação da atitude alemã, sobrevinda e provocada quasi exclusivamente pela evolução dos acontecimentos de leste, na campanha contra a Rússia, modificação ou antes transmutação que o *Neue Wiener Tageblatt* exprime assim a 2 de Agosto deste ano: «A organização das conquistas tornou-se para a es-

presumido esgotamento alemão, e da produção crescente das suas indústrias de guerra, possuíam a superioridade dos meios militares e conseguiriam fazer sentir esta superioridade em campos decisivos de batalha. Os alemães, contando antecipadamente com esta eventualidade, procurariam então retardar o desenrolar das hostilidades, esforçando-se sistematicamente por provocar uma espécie de suspensão de operações, visando a ganharem tempo até ao momento em que estabelecerem uma nova relação de forças, isto é, ou a superioridade indispensável à vitória ou, ao menos, o equilíbrio definitivo que lhes permitiria guardar com toda a segurança as suas conquistas.

E eis a conclusão: «Neste sentido,

de que dispõem, podem satisfazer todas as suas necessidades militares na defensiva, como na ofensiva. Os Estados Unidos iniciaram, é certo, a execução de um gigantesco programa de armamentos. Mas por mais fortes que sejam, chegaram tarde demais para reconquistar a Europa, a Ásia e a África. Tanto eles como a Grã-Bretanha perderam o combóio.»

O dr. Goebbels fazia com extrema lucidez a teoria desta posição — a organização do espaço — a 22.º num artigo do *Das Reich*.

Perante um prolongamento da guerra assim colocado, o panorama internacional dela quasi se inverte, Hitler coloca-se no continente como dentro do que o *Frankfurter Zeitung* denominava a «fortaleza europeia». E esta atitude que intitula defensiva para significar que doravante terão os Aliados de assaltar a Europa, pois para a Alemanha não há neutros, mas Estados integrados num interesse continental europeu totalizado na Nova Ordem, à qual o dr. Funk, por isso mesmo e para isso mesmo, preparou o quadro ou sistema geral da consabida organização económica e financeira sob a hegemonia do Estado vencedor, a Alemanha.

Quanto mais tempo a guerra demorar, maior a vantagem da Alemanha.

Ora, os Aliados têm de defrontar-se com duas condições da vitória. É a primeira é a da superioridade numérica. «Para que uma volta decisiva se produza no desenrolamento da guerra — observava há pouco um comentador — é preciso que uma modificação decisiva intervenha na inter-relação das forças, que se verifique a condição fundamental da vitória, isto é, não o génio do chefe nem o valor dos soldados, conforme a concepção hercúlica da história, mas a superioridade do número. É necessário que, de uma vez para sempre, seja posto cõbro às situações em que faltam os meios militares indispensáveis para cumprir e obedecer aos imperativos da estratégia.»

Foi esta superioridade de massas que deu à Alemanha, mercê duma preparação perfeita, a sucessão das vitórias. A inferioridade destes dois elementos obrigou os Aliados a remeterem-se a uma estratégia defensiva, a cortar as relações marítimas do inimigo e a manter as suas próprias, a fixarem-se em terra numa atitude de defesa ou de ofensivas limitadas, especialmente as aéreas contra os centros industriais alemães — «estratégia a longo prazo que visou a ganhar tempo e fundava-se menos nos armamentos existentes do que na superioridade do seu potencial».

Todas as agitações, crises, debates, oscilações que sacudiram o bloco dos Aliados, regiraram sobre a demonstração de cada vez mais evidente de que por tal processo não chegariam a vencer, e quando muito teriam de aceitar o objectivo de uma paz de compromisso, que era afinal o alvo primeiro de Hitler.

Mas estas lições amargas, a dura experiência sofrida na batalha de África durante a última e vitoriosa ofensiva de Romell, a observação de que em comparação com os sucessos do ano passado, surgiam nos campos de batalha novos aspectos, visto que após os ataques iniciais, tombava-se em situações de equilíbrio, seguidas de ofensivas brilhantes mas bem depressa revertidas a situações instáveis que davam novas possibilidades de iniciativas aos dois contendores — forçaram os Aliados a uma reacção. Com a cooperação inestimável da Rússia, e

o vigoroso e impertérrito esforço da indômita Inglaterra, as Nações Unidas entraram em febre de produção e de mobilizações contra o tempo para ultrapassarem o avanço alemão e cingirem, primeiro e ao menos, a paridade de forças, depois a superioridade do número (que perante um alto comando e tropas como as do Reich, de primeira ordem, nunca pode ter limite), a fim de poderem travar as batalhas terrestres em que a guerra terá de decidir-se.

O QUE SE ESPERA

A Alemanha repete hoje o que se disse em 1918: — Se a Alemanha não perder a guerra, ganha-a. Se os Aliados não ganharem a guerra, perdem-na. Era a consolação *in extremis*, mas era já a política de brocaçem e estilhaçamento do Tratado de Versalhes. Hoje, na Alemanha, lança-se também como aforismo de recurso aos sacrifícios ingentes do povo alemão e à sua fé patriótica, estourras palavras que o *Frankfurter* escreveu no dia 15 deste mês:

«A guerra, desde que não seja perdida, significará para a Alemanha e para os seus aliados uma vitória militar, pois é nas mãos deles que se encontram a Europa e as suas imediações mais próximas. Pelo contrário, para a Grã-Bretanha uma guerra que não termine pela vitória completa será uma guerra perdida pois os ingleses, além de algumas posições no Mediterrâneo, não têm em seu poder nada que possa considerar-se decisiva para o sistema das suas futuras relações com o continente europeu.»

Mas além deste dilema há outro imperativo circunstancial para os Aliados. O *Weltwoche* de 29 de Maio desvelava-o assim: «A primeira questão que cada francês se diz, é a da duração provável da guerra, questão vital para a França porque um novo inverno de guerra causará tais privações que, como há pouco nos explicava um médico, muitas pessoas, devido a alimentação deficiente, estão condenadas a não sobreviverem por não resistirem a doenças». Ora, a este respeito (e adivinamos simplesmente um exemplo), com razão sublinhava há dias Labarthe quão falaz é certa opinião britânica de que o melhor método de os Aliados explorarem a opinião dos países ocupados é espalharem a convicção de que a vitória da Inglaterra é possível, porque — e eis-nos voltados à bigorna da matéria destes apotamentos — as massas que no continente sofrem de extremos desamparos, vizinhos da fome (e quão admirável é neste momento a obra gigantesca das Cruzes Vermelhas a acudir-lhes!) vivem a sua resistência, na esperança duma vitória a prazo previsto, que aguardam de ano para ano. A duração da guerra é para milhões de pessoas uma questão tão vital como a respiração pulmonar. Resistiriam eles à certeza fulminante de uma guerra de dez anos? Não tomariam nas torturas do desespero?

...Eis porque, ao soar esta hora tremenda para os destinos do mundo, as palavras do eloquentíssimo discurso do Marechal Smuts no Parlamento Britânico tiveram condição de despertar as emoções.

Roosevelt anunciou que já foi tomada pelas Nações Unidas uma decisão militar de capital importância e que a unidade de operações está realizada.

Smuts asseverou que está tudo pronto para a ofensiva, que a fase da defensiva acabou, que «é preciso bater o ferro enquanto está quente e seria loucura adiar ou perder a oportunidade».



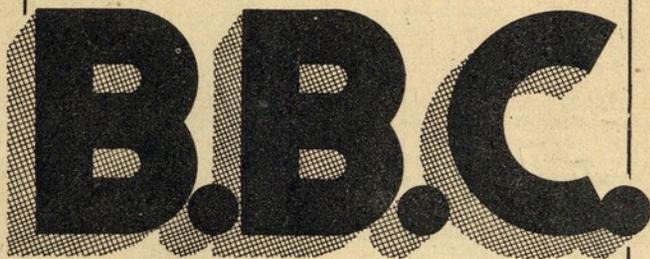
EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA



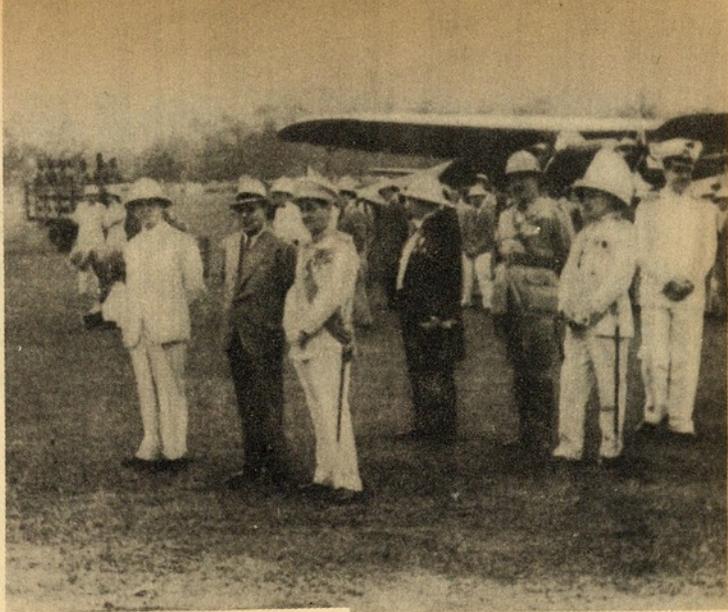
A VOZ DE LONDRES

E O MUNDO ACREDITA

Horas	Ondas curtas
10.45.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
12.15.....	{ 31.75 m. (9.45 mc/s) 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
21.00 (*).....	{ 31.75 m. (9.45 mc/s) 40.98 m. (7.32 mc/s) 41.75 m. (7.18 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

A visita do ministro das colónias ao Congo Belga



O sr. dr. Francisco Vieira Machado e o Ministro das Colónias da Bélgica no momento da chegada ao aeródromo de Leopoldville.

manho das pernas, e, para nós, a obra grandiosa da colonização é um serviço aos povos que temos a nosso cargo, perante Deus e perante a Humanidade. É pelos resultados que se julga a capacidade e a grandeza de um povo colonizador. O futuro para que caminhamos, só a Deus pertence. Os homens de Estado e os seus povos, nada mais podem fazer que prepará-lo. Que Deus seja como os nossos amigos portugueses!

Meu caro colega: Durante a nossa estada em África como ministros das Colónias dos nossos respectivos países, tivemos repetidas ocasiões de confrontar as nossas idéias e de tratar os problemas comuns aos nossos territórios vizinhos. Como V. Ex.^a, estou convencido da excelência deste método de contacto directo entre ministros responsáveis, falando e agindo em nome dos seus países. Espero que Portugal e a Bélgica, que Angola e o Congo Belga possam colher os frutos desse trabalho. Já disse isto em Leopoldville e em Leopoldville saídes também, em V. Ex.^a, diante dos meus compatriotas reunidos, um amigo pessoal da Bélgica.



A parada militar realizada em Leopoldville em honra do ministro das Colónias de Portugal.

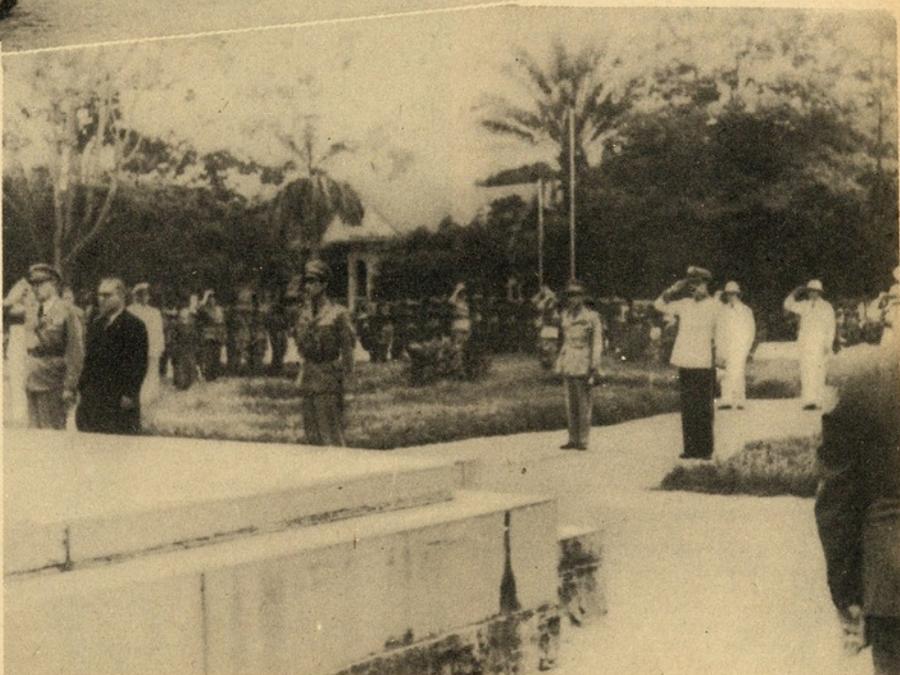
Foi agora retribuída a visita que o sr. Ministro das Colónias de Portugal fez, há tempo, ao Congo Belga. São aspectos dessa visita as três gravuras que se publicam nesta página.

A viagem do sr. dr. Francisco Vieira Machado às nossas colónias tem um alto significado neste momento perturbado do mundo. A sua estada nas províncias ultramarinas portuguesas, na União Sul-Africana e no Congo Belga hão-de trazer ao nosso país — ao Império Português — grandes e benéficos resultados.

Quando da recente visita do Ministro das Colónias da Bélgica a Luanda, para agradecer a estada no Congo Belga do sr. dr. Vieira Machado, aquêle membro do Governo da Bélgica pronunciou as seguintes palavras que tudo dizem acerca da forma como hoje se encara o problema da colonização:

«A grandeza de uma nação não se mede pela superfície do seu território nem pelo número dos seus membros, como um homem, não se mede pelo ta-

O representante do Governo português em frente do monumento do rei Alberto.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo XV - A evolução americana

1

A NEUTRALIDADE RIGOROSA

EN TRE o dia 3 de Setembro de 1939 e o dia 7 de Dezembro de 1941, no prazo relativamente curto de cerca de dois anos, os Estados Unidos da América do Norte, a maior potência industrial do mundo e uma das suas maiores potências políticas, evoluíram do isolacionismo extremo para o intervencionismo entusiástico. Como foi possível esta evolução que, a história não deixará certamente de demonstrar, salvou o destino da guerra e dos grupos de beligerantes? De todos os episódios capitais que a história do presente conflito regista, este é, sem dúvida, pela sua transcendência e pelas suas consequências, o mais importante e aquele que se destina a ter maiores e mais profundas repercussões.

Quando se iniciaram as hostilidades, os norte-americanos mostraram-se firmemente decididos a não intervir nas querelas europeias. As lições da última conflagração tinham constituído para eles um motivo de desgosto e de reflexão. Vista do lado de lá do Atlântico, a Europa era, para eles, um continente condenado à decomposição e à ruína pelos erros que os seus habitantes e os seus chefes incessantemente acumulavam.

Que na desordem que se estabelecera no mundo em seguida à vitória dos aliados cabia uma quota parte apreciável de responsabilidades ao povo norte-americano, aos seus dirigentes políticos, aos seus magnates financeiros e aos seus guias espirituais não havia a mais pequena dúvida. Os Estados Unidos depois de terem, pela voz dum dos seus filhos mais ilustres, o Presidente Wilson, preconizado a criação de um organismo de cooperação internacional destinado a estabelecer definitivamente a paz no mundo, haviam-se recusado a colaborar nele, desertando de um pósto que nem por ser um pósto de sacrifício deixava de ser um pósto de honra.

Depois, a sua contribuição para o estabelecimento do câos financeiro e económico que foi uma das causas remotas da corrida dos armamentos revelou-se igualmente valiosa. Entre o «crack» de Nova-York e o New Deal, como antes ao tratar o conjunto das reparações e das dívidas de guerra, os norte-americanos manifestaram, com uma incompreensão dos assuntos europeus, os seus propósitos ostensivos de não associarem as suas responsabilidades às de um continente em decadência manifesta.

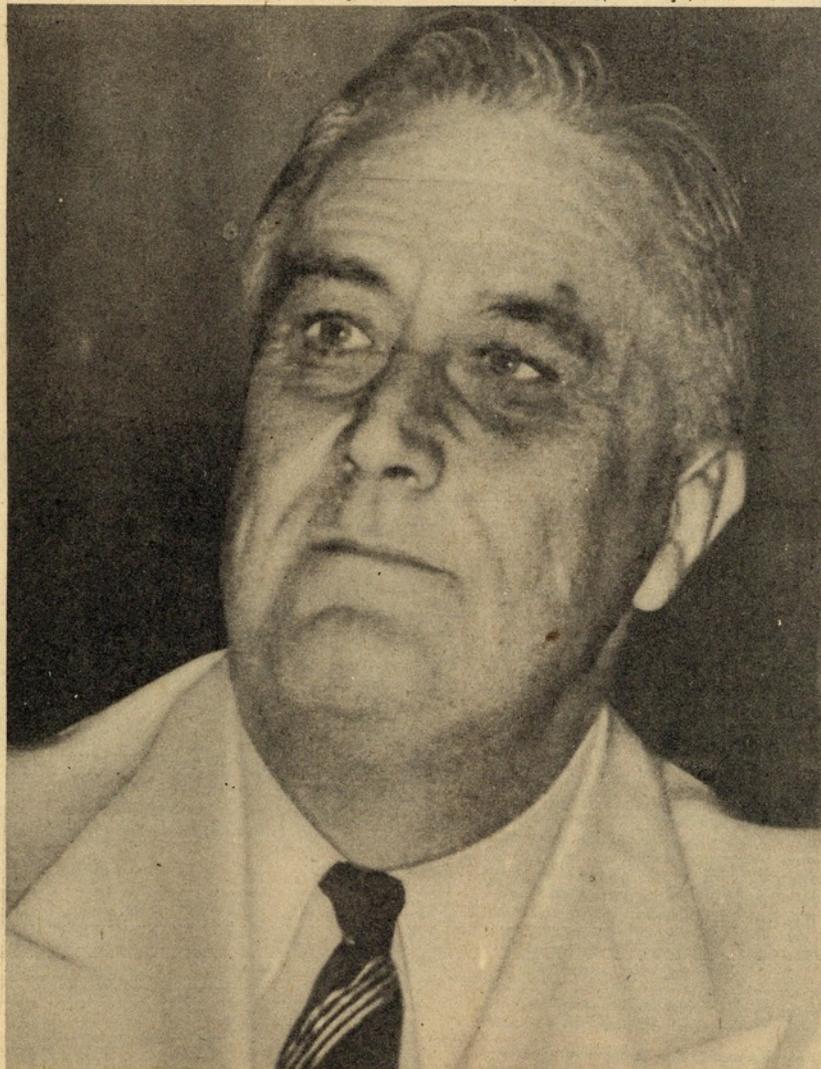
AS PRIMEIRAS REACÇÕES

A primeira reacção norte-americana perante o actual conflito teve lugar no próprio dia 3 de Setembro, em que a Grã-Bretanha e a França declararam guerra ao Reich. O presidente Roosevelt proferiu um pequeno discurso no qual afirmou que fizera, e continuaria a fazer, todos os esforços para manter o seu país fora da guerra. Acrescentou, porém, que, desencadeada na Europa ou em qualquer outra parte

do mundo, esta constitue uma ameaça para o continente americano e para os povos que o habitavam. Pelo que dizia respeito às fatais reacções de ordem interna que o delagrar dum conflito de tais proporções devia provocar, especialmente nos domínios da economia e da finança, acentuou que tomaria as medidas necessárias para que nenhum cidadão americano conseguisse lucros de guerra excessivos, definindo, simultaneamente, a natureza das relações que desejava ver mantidas com os beligerantes. Era especialmente o aspecto comercial dessas relações que lhe interessava, e nesse ponto o presidente, embora tendo uma visão clara dos acontecimentos, não queria

contrariar a tendência natural dos seus compatriotas, preocupados sobretudo com a marcha e a prosperidade dos negócios.

No dia 5 de Setembro o presidente assinou duas proclamações, a primeira das quais afirmava oficialmente a posição de neutralidade dos Estados Unidos, acrescentando que o governo de Washington continuaria a pautar a sua atitude pelos princípios da tradição nacional e do direito internacional. A segunda recordava a lei de neutralidade de 29 de Abril de 1937, que estava em vigor e determinava a sua aplicação aos países que já nessa altura se encontravam em estado de beligerância: a Alemanha, a Polónia, a França, a Grã-Bretanha



O Presidente Roosevelt, dos Estados Unidos da América



O coronel Lindbergh

e os elementos da comunidade britânica que haviam declarado guerra ao Reich.

Três dias depois, a 8 de Setembro, foi assinado um decreto estabelecendo o estado de emergência limitado. Com fundamento neste decreto o governo americano era autorizado a tomar as providências necessárias para assegurar a manutenção da neutralidade dos Estados Unidos e para reforçar a defesa nacional dentro dos limites aconselhados pelo tempo e pelo amor da paz.

O DIREITO INTERNACIONAL

Em 14 de Setembro, o secretário de Estado, Cordell Hull, dava uma interpretação autorizada das resoluções do chefe da nação. «Os Estados Unidos, declarava ele, pelo facto de proclamarem a sua neutralidade não abandonam as suas concepções quanto à necessidade de manter o império do direito nas relações entre os povos. As medidas restritivas que a nossa legislação nos impõe não querem dizer que o nosso país esteja disposto a abandonar os princípios pelos quais têm regulado o seu sistema de vida internacional. Pelo contrário, sempre que as regras do direito forem violadas reservamo-nos para tomar uma atitude consentânea com a nossa tradição e os nossos costumes».

A administração tomava assim oficialmente posição e, embora correndo o risco de não ser compreendida ou apoiada pela totalidade da opinião pública, exaltava os princípios de ordem moral e política que já haviam determinado a sua entrada na última guerra, e entre os quais figuravam, além da observância das regras do direito, a necessidade de manter a liberdade dos mares.

A tendência revelada pelo presidente e pela administração era firmemente combatida por algumas personalidades influentes da política norte-americana, recrutando-se os seus principais adversários no Senado, que era desde 1919 a principal cidadela do isolacionismo. Aos nomes dos senadores Borah e Vandenberg, que nessa altura se manifestavam ostensivamente adversos a qualquer tentativa de intervenção ou de aproximação com um dos grupos de beligerantes, juntou-se, desde a primeira hora, o nome de uma personalidade de significado e repercussão mundial, o coronel Lindbergh, grande perito de aviação, famoso pelo seu «raid» transatlântico que tão poderosamente contribuiu para o progresso da navegação aérea. Os inquéritos então feitos junto da opinião pública norte-americana, especialmente pelo famoso Instituto Gallup, davam a entender, de maneira insofismável, que só uma política cautelosa de persuasão, conduzida a longo termo, seria capaz de remover os obstáculos que se opunham a uma intervenção eventual dos Estados Unidos no conflito europeu.

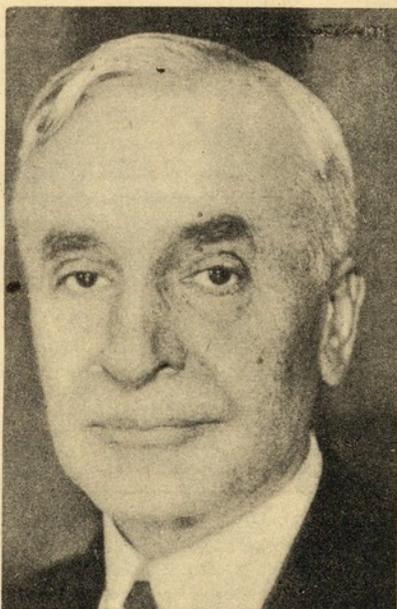
O ASPECTO COMERCIAL

Mas a parte da opinião pública americana que desejava ver o seu país afastado de todas as complicações não era insensível aos prejuízos que para a sua actividade resultavam do

estado de guerra. Antes de se iniciarem as hostilidades, a Grã-Bretanha e o Canadá eram os melhores clientes dos Estados Unidos. As suas compras elevavam-se a mais de um bilião de dólares, o que representava aproximadamente um terço do total das exportações norte-americanas. Na lista dos países importadores de produtos manufacturados e matérias primas de origem norte-americana, a Alemanha figurava apenas com a escassa cifra de 47 milhões de dólares, enquanto a França comprava aproximadamente duzentos milhões.

Com o estado de guerra as exportações de origem americana para o Império britânico, para a França e para a América latina aumentaram de maneira apreciável. Mas o aumento de exportações, embora em muito menor proporção, para os países escandinavos, significava que a Alemanha também aumentava o volume das suas compras. As exportações para a Europa Central quasi que terminaram desde Setembro de 1939.

Quanto às aquisições em larga escala de material de guerra, embora proibida pela lei de neutralidade, começou a ser encarada pela França e pela Grã-Bretanha, países que haviam descurado a sua política de rearmamento e que se encontravam, portanto, em estado de mani-



Cordell Hull, subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

esta inferioridade em relação ao Reich. O primeiro sintoma de que, cedo ou tarde, essa aquisição começaria a ser feita em larga escala foi o acordo franco-britânico estabelecido para a compra de material de guerra no estrangeiro e a escolha de comissões de peritos militares e económicos dos dois países que deviam ir ao estrangeiro fazer compras de material de guerra.

Assim, tanto em Paris como em Londres começou a registar-se uma tendência pronunciada para considerar a neutralidade americana por um aspecto benévolo, o que aumentava o optimismo com que, em ambas as capitais, se encarava uma guerra iniciada sem a necessária preparação. Era sobretudo o aspecto da compra de aviões, aspecto mais saliente da impropriedade dos aliados, que interessava os governos das nações ocidentais interessadas em recuperar o caminho que haviam perdido.

DILIGÊNCIAS DE PAZ

A partilha da Polónia em duas zonas de influência, uma alemã, outra soviética, provocou um enérgico protesto do governo americano, sob a forma de nota diplomática redigida por Cordell Hull, na qual se afirmava que os americanos se recusariam, em qualquer circunstância, a aceitar o facto consumado. A tentativa de paz constante do discurso do chanceler Hitler de 6 do mesmo mês, foi combatida por quasi toda a imprensa americana como um pretexto para o Reich conservar em seu poder as conquistas feitas na Europa. Entretanto, em

certos meios daquela república formularam-se algumas sugestões para que o presidente Roosevelt tomasse a iniciativa de novas diligências para o restabelecimento da paz no mundo. Esta tendência era, sobretudo, advogada pelos meios isolacionistas, os quais consideravam que o prolongamento das hostilidades, cedo ou tarde, envolveria o seu país na luta e pelos magnates da indústria e da finança que desejavam ver restabelecido, o mais rapidamente possível, o ritmo normal dos negócios mundiais. Mas nem o presidente, que aliás durante muito tempo manifestara a sua opinião de que devia fazer-se tudo para evitar a guerra, nem a Administração, nem os dirigentes políticos dos partidos com representação no Congresso, e especialmente do partido democrático, se mostravam inclinados a aceitar ou a dar seguimento a essas sugestões.

Apesar disso, o presidente Roosevelt deu o seu apoio às diligências apaziguadoras tentadas pelos soberanos da Bélgica e da Holanda durante o inverno de 1939, interveio pessoalmente durante o conflito entre a Finlândia e a União Soviética e enviou ao Vaticano um embaixador especial, o seu amigo Myron Taylor, considerando da maior conveniência manter um contacto estreito com a Santa Sé, enquanto durassem as hostilidades. Nos documentos que escreveu, nos discursos que fez, nas diligências diplomáticas de que tomou a iniciativa, o pensamento do chefe da nação americana apareceu sempre posto com clareza. Ele entendia que era seu dever assumir a defesa de determinados princípios de ordem geral, cujo enunciado estava em evidente contradição com a política de conquistas e de anexações. Esta tendência inclinava-o, naturalmente, para ver com simpatia os objectivos de guerra anglo-franceses.

A SOLIDARIEDADE COM OS PAÍSES NÓRDICOS

Estes princípios apareciam postos em relevo, com particular vigor, na mensagem que o chefe da nação americana dirigiu ao presidente do Praesidium do Soviete Supremo, Kalinine, na qual exprimia o desejo de que a U. R. S. S. não formulasse em relação à Finlândia pedidos incompatíveis com a honra e a soberania deste país. Tinham-se iniciado, por essa altura (meados de Outubro), as conversações franco-soviéticas e Kalinine, na sua resposta, afirmava que tendo os soviets reconhecido livremente a independência da Finlândia nada fariam contra essa independência. A simpatia clara do povo americano pela causa finlandesa tinha, em boa parte, uma explicação na existência de fortes núcleos de origem finlandesa e escandinava entre a população dos Estados Unidos e também na hostilidade que o ataque eventual a um pequeno povo por parte de uma grande potência inspirava em todos os meios americanos.

Em 29 de Novembro, o governo dos Estados Unidos deu expressão oficial a estes sentimentos tomando (29 de Novembro) a iniciativa de uma mediação entre a U. R. S. S. e a Finlândia.

(Conclue na página 22)



O senador Borah, famoso isolacionista norte-americano

Entre nós



O sr. Presidente da República, acompanhado pelo sr. engenheiro Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, visitou há dias o aeroporto da Portela de Sacavém.



Na União Nacional reuniram-se os dirigentes daquele organismo político a fim de tratarem do próximo acto eleitoral. Presidiu a sr. dr. Albino dos Reis, vendo-se, a secretariá-lo, os srs. coronel Lobo da Costa, governador civil de Lisboa, dr. Aguedo de Oliveira e eng.º Sebastião Ramires, da comissão executiva; dr. José António Marques, presidente da Comissão de Propaganda; e eng. Belfort de Cerqueira, presidente da comissão concelhia de Lisboa.



O último turno de crianças que esteve passando quinze dias na Foz do Arelho apresentou-se no Subsecretariado da Propaganda a agradecer ao sr. dr. Trigo de Negreiros.

As autoridades militares e civis do Porto e alguns dos principais membros da colónia espanhola, foram cumprimentar o cônsul daquele país na capital do norte no dia da «Festa da Raça».



Na sessão solene de abertura do novo ano lectivo na Faculdade de Farmácia usou a palavra o director daquele estabelecimento de ensino, sr. dr. Lupi Nogueira, que proferiu a lição inaugural, tendo-se ocupado da profissão farmacêutica através de tôdas as épocas, sua responsabilidade e o esforço que tem dispendido para beneficio da Humanidade.

"Um não sei quê..."

Novela de Castelo de Moraes

A Zêzinha não faltava a um baile no Sindicato. Aquelas festas não eram bem o que ela sonhava, mas dançava-se até madrugada e já isso era muito.

Iam lá rapazes conhecidos que dançavam o «tango»; pela meia noite havia sempre quem oferecesse uns papos secos com fiambre e uma laranjada; não era preciso fazer um vestido para cada festa; enfim, era um «remedeio» à falta de melhor.

Além disto, a Milú ia lá sempre e as duas conversavam, trocavam planos e esperanças, falavam de chapéus e de namoros, combinavam idas ao cinema com bilhetes do jornal.

Naquela noite, logo ao bater das dez horas, a Zêzinha entrou na sala. Estavam três ou quatro pequenas do bairro, mas nenhuma conhecida. Esperou à janela a chegada da amiga. Demorou-se mas por fim apareceu, toda de vermelho, com permanente da vésperta e uma guisalhada de pulseiras de cristal a tilintar-lhe nos braços.

Zêzinha correu para ela. Esboçaram dois beijos receosos do «baton» e a Milú foi arrastada para um canto pela mão esquerda da amiga.

— Vem cá, vem cá! Tenho muito que falar contigo.

E levou-a para o vão da janela. Milú, admirada, perguntava:

— Mas o que tens tu? Que foi isso? Há uma semana que não te vejo!

— Estive na Parede em casa da tia Dóres.

— Podias ter escrito duas linhas.

— Não tive tempo para nada. Nem tempo — nem nervos.

— Mas então o que houve?

— É isso o que eu te quero dizer, mas aqui não. Aqui não nos deixam quietas, vêm tirar-nos para dançar. Queres dar uma volta amanhã?

— Eu aos domingos saio pouco mas pode ser. Onde queres ir?

— À qualquer parte onde possa falar à vontade. Aparece lá por casa às 11 horas. Almoçamos conosco e depois saímos.

— Pois sim, mas...

Não chegou a acabar a frase. O Raúl, da «Nice em Lisboa» aproximou-se solene e convidou:

— Menina Zêzinha, vamos a um tango?

E, atrás dêle, o Jorge do «Salão dos espelhos» ordenava:

— Milú, você é o meu par, ouviu? Lá tangos, só com você. Fixe?

— Fixe.

As duas amigas só tornaram a juntar-se no bufete, à hora dos papos secos, mas não trocaram palavras. Pouco depois, a Milú despediu-se de longe:

— Zêca, então amanhã, às onze...

— Não faltes, olha que o assunto é grave.

trilhados pelos sapatos «mordorés» e decidiu que fôsse para o Jardim da Escola conversar.

O Jardim estava deserto, o banco ao pé da cascata do lago não tinha ninguém e ajoelaram-se nêle.

Milú esperou que a amiga começasse a palestra e ficaram uns instantes caladas, fitando-se; por fim a Zêca perguntou-lhe com ares misteriosos:

— Que tenho eu?

— Tens mais «rouge» do lado esquerdo.

— Não é isso. Vê lá se descobres em mim «um não sei quê»...

— «Um não sei quê»? Olha, filha, charadas é com o meu irmão. Explica-te.

todos os romances do Max de Veuzit e da Magali.

— Mas o que tem isso de «grave»? Tu disseste que o assunto era grave...

— Era e é. Não tenhas pressa, ouve. Eu a gostar de livros, êle a gostar de livros. Eu a gostar do cinema, êle a gostar do cinema... Percebes. Ao terceiro dia estava o namôro pegado. A pouco e pouco afastavamo-nos do grupo e fomos para a beirinha do mar. Foi aí que êle me disse a tal frase...

— Qual frase? Ainda não a disseste...

— Espera, mulher. Não tenhas pressa. Estávamos lá no fim da praia. Parámos. Êle pegou-me na

sempre a beijar-me os dedos. Dize-me agora, Milú, o que é que eu tenho?

— Tens um namôro com um doutor.

— Não sejas má. Ajuda-me. Dize lá o que é que eu tenho...

— Se êle não sabe, eu é que hei-de saber?

— Mas êle sabe.

— Então porque é que lhe chama «um não sei quê»? Que eu calculo muito bem o que êle quer dizer na sua.

— Então dize lá, filha.

— Zêca, lembras-te duma fita que aí apareceu e que se chamava em inglês «It»? Se bem me lembro, cá chama-se «Isso». Pois bem, êsse «It» ou «Isso», como quiseres, é qualquer coisa que nós temos em nós ou que espalhámos de roda de nós e que faz perder a cabeça aos homens. Há bonitas que não têm «Isso». Há feias que o têm. Ora êsse «Isso» deve ser o tal «não sei o quê» do teu doutor. Se é assim, se tu de facto és a única em quem êle achou o tal «não sei quê» de que andava à procura, estás garantida.

— Será isso que dizes, Milú?

— É «Isso». É. E a respeito de cobres? E de doentes?

— Êle não é médico, é advogado. E dinheiro deve ter. Tem um «Chevrolet» que é um amor. Ai, Milú, Milú! Que passeios havemos de dar! Êle só fala em Veneza, na Côte d'Azur, em San Sebastian... Calculas lá! É viajadíssimo.

— Nesse caso, meu amor, parabéns! Os doutores ricos e viajados não andam por aí aos molhos. Vê lá bem, não percas o «não sei quê».

— Olha, na terça-feira volto para a Parede; pede um dia de licença no ministério, vai lá ter na quarta à tarde e volta na sexta de manhã, queres?

— Pode ser. Amanhã à hora do almoço dou-te a certeza. Tenho que dizer lá em casa...



— Então, ouve: Já te disse que estive uns dias na Parede em casa da tia Dóres. À noite fomos para a praia. O nosso rancho era todo de velhada menos o doutor. Os homens discutiam a guerra, elas falavam da vida cara e das «bichas» do carvão e eu ficava para ali calada se o doutor Armando — êle chama-se Armando — não lalasse comigo. Lê muito, gosta de cinema e nós levávamos as noites a palrar de livros e de fitas. Êle é uma pessoa muito interessante, fala muito bem. Conhece

mão e disse-me:

— Olhe, Zêzinha, encontrei em você aquilo que sempre procurei e nunca encontrei.

Apertou-me muito a mão, beijou-me as pontas dos dedos e muito comocido, segredou-me:

— Você tem «um não sei quê» que as outras não têm.

Eu pedi-lhe que me explicasse mas êle disse-me, sempre com a minha mão agarrada: «Já lhe disse de mais, Zêzinha, já lhe disse de mais!» Viemos de braço dado até defronte das barracas e êle

Na quarta-feira combinada, pelas seis da tarde, a Milú entrou numa segunda do combóio eléctrico de Cascais. Vozes Chamaram-na:

— Milú! Anda para aqui, Milú.

— Tens aqui um lugar.

Eram duas amigas quem chamava: a Manuela da Caixa e a Julieta do Banco. Beijos, risinhos, uma festa. Elas também estavam na linha, a banhos, em S. Pedro, mas iam à Parede uma vez por outra. Tinham imenso gôsto em conhecer a Zêzinha.

— Se nós soubéssemos que estava lá uma amiga da Milú!

E a Manuela acrescentava:

— São Pedro é triste. As noites, se não fosse a rádio!

E combinaram logo:

— Amanhã aparecemos na Parede. Vamos depois de jantar, ao escurecer.

A Julieta emendou logo:

— Ao escurecer, não. Antes. Não vêes que a hora mudou?

A Zêzinha estava no tabuleiro da estação, a conversar com um sujeito forte, bem posto, de óculos pretos e panamá, que se despediu quando o combóio parou. Uma saltinho leve e a Milú estava nos braços da amiga que lhe segredava:

—É aquê, viste?

Milú tinha visto e ficara contrariada por o homem se ter afastado. Estava à espera duma apresentação para o ver ao pé. Palrando, chilreando, tomavam o caminho de casa e logo que o jantar acabou foram para a praia.

A Milú anunciou para o dia seguinte a visita das amigas e a conversa mudou de rumo. A Zêca voltou à carga a fazer o elogio do doutor Armando.

—Não imaginas! Parece que tem sido muito infeliz com as amizades. Calcula, um homem novo e rico e anda sempre só. Está no Palace do Estoril e vem para aqui todas as noites. Diz que só ao pé de mim está bem. E, volta e meia, ri-se e repete-me:—É esse «não sei quê» que me obriga a vir aqui todas as noites. Olha, Zêzinha, só tu farias o milagre... (A gente já se trata por tu. O você é ridículo, não achas?)

—Ótimo, Zêca! Então lá para o inverno temos bodal...

—Isso não sei. Não o quero assustar.

—Se tens o tal «não sei quê» não é caso para sustos. Mortinho por isso deve ele estar.

—Ah, isso está! Não imaginas como é meigo para mim. Se os beijos gastassem já não tinha mãos!

—E os teus pais?

—Estão a ver. Bem sabes que não somos ricos. Mas ainda não o conhecem pessoalmente. Não houve ocasião. Nós vamos sempre conversar para a borda do mar. Ele detesta ver gente, diz que os olhares das outras pessoas lhe roubam bocados de mim.

—Bravo! Dêsses é que se fazem os maridos ciumentos!

—Ciumento, não ei se é. Não lhe dou motivos, mas se fôr, paciência... Antes ciumento que distraído.

—Conforme...

—Ai, filha! Aquêlê Raúl da «Nice em Lisboa», que sarna! Olhaste para este... Olhaste para aquêlê... Não traces a perna... Essa blusa é indecente... Que maçada! E afinal para quê? Um ordenado de oitocentos escudos... Ainda se ganhasse coisa que se visse... Não, Milú. Lá perder a minha liberdade por um pataco, não quero.

—Olha lá, e o que sabes da vida dêle? Não tiraste informações?

—Não. Aqui na praia não conheço ninguém. No Estoril só podem dizer que ele nunca lá está à noite. De dia vai para Lisboa.

—Mas não conheces ninguém que se dê com ele?

—Não.

—Era bom. A gente vê caras...

—Se visses como ele está doído por mim não dizias isso.

Nesta saborosa prática gastaram as horas, até que vieram reíntir-se ao grupo e voltaram todos para casa. A Zêzinha esteve até às tantas a namorar à janela da casa de jantar. Milú deixou-se.

Na tarde seguinte, a Manuela e a Julieta não faltaram.

Era ainda dia claro e já todas quatro estavam sentadas na areia em colóquio animado.

A Zêzinha sabia bem estar acompanhada porque nessa noite o doutor Armando tinha uma reunião em Lisboa.

Conversa de raparigas, já se vê

que o assunto era módas e namoros. O «crêpe-georgette» mais caro, os homens mais mentirosos...

A propósito de homens mentirosos a Milú puxou a conversa para as paixões à antiga, com suspiros e raminhos de violetas.

A Manuela, muito céptica, afirmava:

—Disso já não há. Partiu-se o molde.

Milú afirmava:

—Há, sim senhor. Há! Ainda há homens que se prendem por uma coisa a que chamam um «não sei quê», mas que se prendem deveras quando encontram alguma que tenha esse tal «não sei quê».

A Julieta interrompeu:

—Já um me disse que eu tinha isso e não foi há muito tempo.

—Também me disse o mesmo—afirmou a Manuela.

A Milú, maldosa, perguntou:

—E a ti, Zêzinha, já algum te disse:

—Já, e também foi há pouco tempo.

Manuela alvitrou:

—Será o mesmo?

—Não é, com certeza—afirmaram a Zêca e a Julieta.

A Manuela, de pé, propôs:

—Faça-se a experiência. Cada uma de vocês vai para seu lado e escreve na areia o nome do

homem que lhe disse isso. Só o nome. Sem apelidos. Vá, vamos lá a saber o nome de três raridades.

As três raparigas obedeceram. Momentos depois Milú lia os três nomes que, afinal, eram um só: Dr. Armando.

Uma lágrima furtiva, como a da ópera, bailou nas pestanas da Zêzinha.

Vá lá uma rapariga fiar-se em doutores que andam à procura—do «não sei quê»!...



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil. Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

HISTÓRIADAGUERRA

(Continuação da pág.19)

A proposta americana, aceite pelo governo de Helsinquia, foi rejeitada pelos dirigentes de Moscovo. O ataque soviético às cidades finlandesas, que se seguiu à rejeição da oferta de mediação, foi solenemente condenado num discurso que o presidente proferiu em 1 de Dezembro. Vinte e quatro horas depois o presidente aconselhava os produtores de aviões a não venderem aparelhos aos países que os utilizavam com fins agressivos. Era o primeiro sintoma do que depois veio a chamar-se o «embargo moral», cuja aplicação foi, gradualmente, jogando a favor da Grã-Bretanha e dos seus aliados. Em 5 de Dezembro, os Estados Unidos proclamavam a sua iniciativa de considerarem liquidada a dívida de guerra finlandesa, em 10 anunciavam a concessão de um empréstimo à Finlândia, e em 19 tomavam as primeiras providências para fornecerem alguns aparelhos de aviação àquele país.

A solidariedade moral dos Estados Unidos à Finlândia e aos países nórdicos colocados na iminência de ataques por parte de grandes potências suas vizinhas, afirmada na mensagem do presidente à conferência dos Chefes de Estado da Suécia, Noruega, Dinamarca e Finlândia tomou, durante a guerra entre este último país e a U. R. S. S. os aspectos de um autêntico movimento de opinião pública.

O APRESAMENTO DO «CITY OF FLINT».

O apresamento do navio americano «City of Flint», nas águas do norte, pelo couraçado de algebeira alemão «Deutschland», sendo depois conduzido para o porto de Murmansk, episódio ocorrido durante a última semana de Outubro, provocou o agravamento das relações entre os Estados Unidos e o Reich, por um lado, e entre os Estados Unidos e a U. R. S. S. por outro. O incidente liquidou-se, por fim, satisfatoriamente, pela libertação do navio apresado.

Convencido o governo dos Estados Unidos de que a política de localização do conflito não conduzia a qualquer resultado apreciável, tratou de vertebrar em moldes novos a política continental ou pan-americana. Tanto o presidente Roosevelt como os seus mais directos colaboradores, tinham formado a convicção de que a unidade do bloco continental era a condição indispensável para que os Estados Unidos viessem a desempenhar o papel preponderante, a que se julgavam com direito, nos acontecimentos que não deixariam de se produzir. O subsecretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, Sumner Welles, foi um dos mais autorizados realizadores dessa política. No dia 6 de Setembro, o governo do Panamá, com o apoio dos governos dos Estados Unidos, Argentina, Brasil, Chile, Peru, Colúmbia, México e Cuba, tomou a iniciativa da realização de uma conferência extraordinária pan-americana, a qual se justificava pela existência do estado de guerra na Europa e das dificuldades que esse facto inevitavelmente provocava.

Os trabalhos da Conferência iniciaram-se no dia 23 daquêlê mês com um programa de trabalhos previamente aprovado pela União pan-americana. Esse programa incluía três aspectos essenciais da cooperação continental: manu-

tenção da paz, defesa da neutralidade e colaboração económica. Uma declaração comum afirmava o desejo unânime das repúblicas do continente americano de se não deixarem envolver no conflito europeu. Para darem execução a esse pensamento fundamental, as repúblicas americanas, reunidas no Panamá, tomaram a iniciativa de nomearem uma comissão encarregada de assegurar, de maneira efectiva, a conservação da neutralidade, constituindo-se ao mesmo tempo uma comissão inter-americana económica e financeira.

A LEI DE NEUTRALIDADE

Em Washington não limitaram a sua acção às afirmações, mais ou menos platónicas, que resultaram da Conferência do Panamá. Os Estados Unidos negociaram, logo em seguida, tratados de comércio com a Argentina e o Uruguai, os quais começaram a produzir os seus efeitos durante o mês de Novembro.

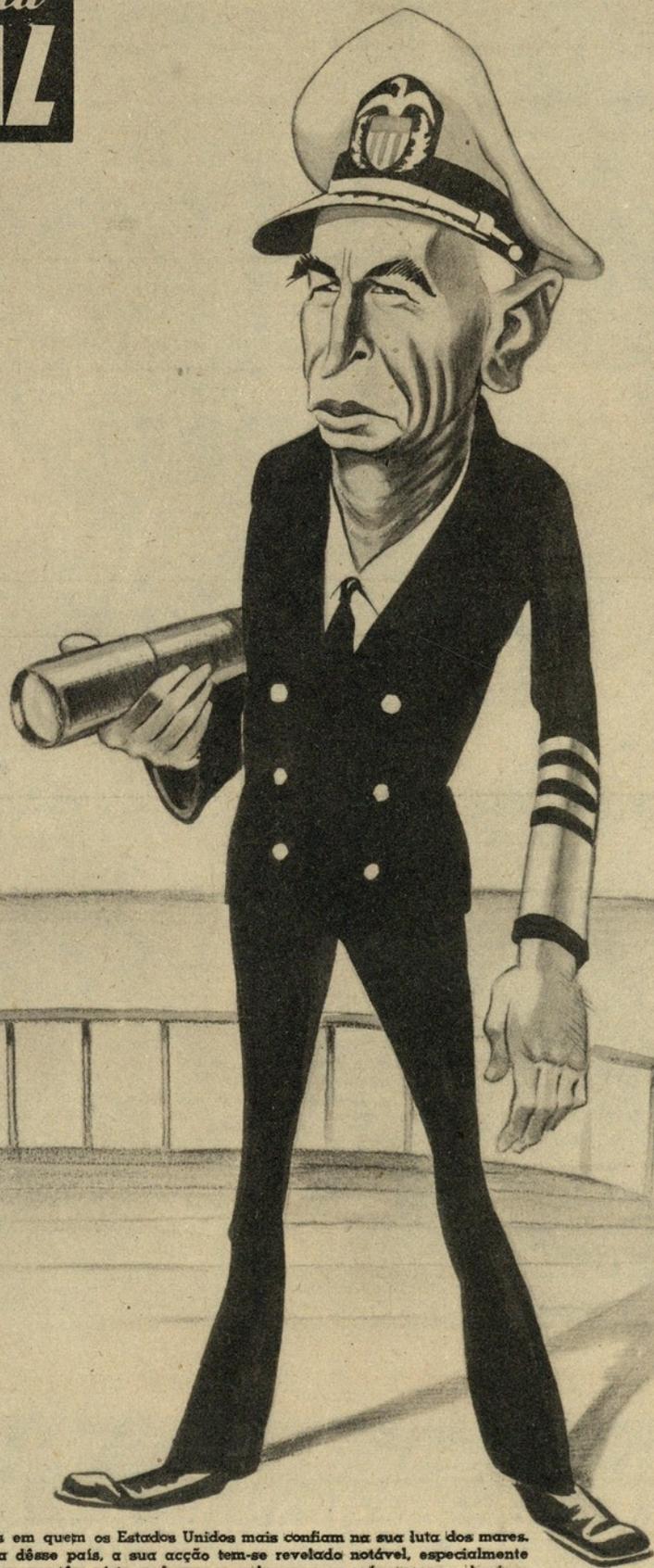
Mas o problema capital que interessava os meios políticos norte-americanos era a revisão da lei de neutralidade, instrumento que os isolacionistas manejavam com habilidade particular para impedirem que os Estados Unidos prestassem à Grã-Bretanha e à França o auxílio que os seus dirigentes projectavam. Um longo movimento de opinião pública que se traduziu, praticamente, por acaloradas e veementes discussões na imprensa, agitou os Estados Unidos durante o último semestre de 1939. No começo d'êste ano, apesar das conhecidas tendências da Administração norte-americana, o problema da revisão não foi oficialmente abordado perante o Congresso. Tudo se reduziu a discussões de corredores e a polémicas, mais ou menos violentas, entre os dirigentes das várias correntes políticas.

Só em 15 de Setembro o senador Pittmann, categorizado membro do partido democrático e presidente da comissão senatorial dos Negócios Estrangeiros, tomou a iniciativa de apresentar, em nome do seu partido, um projecto de revisão da lei de neutralidade. Este projecto, se bem que tomasse em consideração os desejos da Administração de levantar o embargo à exportação de armamento, tinha ainda em conta as exigências duma grande parte da opinião pública e da opposição parlamentar quanto à necessidade de não fazer nada que pudesse contribuir para alterar a política de neutralidade que fôra oficialmente proclamada em Washington. No dia 29 de Setembro a comissão dos negócios estrangeiros do Senado aprovava por 16 votos contra 7 a proposta Pittmann. Depois de algumas emendas secundárias, o Senado aprovou, em 27 de Outubro, por 63 votos contra 30, o projecto da iniciativa do senador Pittmann. Esse acto era o primeiro passo para que a corrente intervencionista pudesse acumular argumentos, de ordem interna e de ordem externa, a favor dos princípios que sempre preconizara.

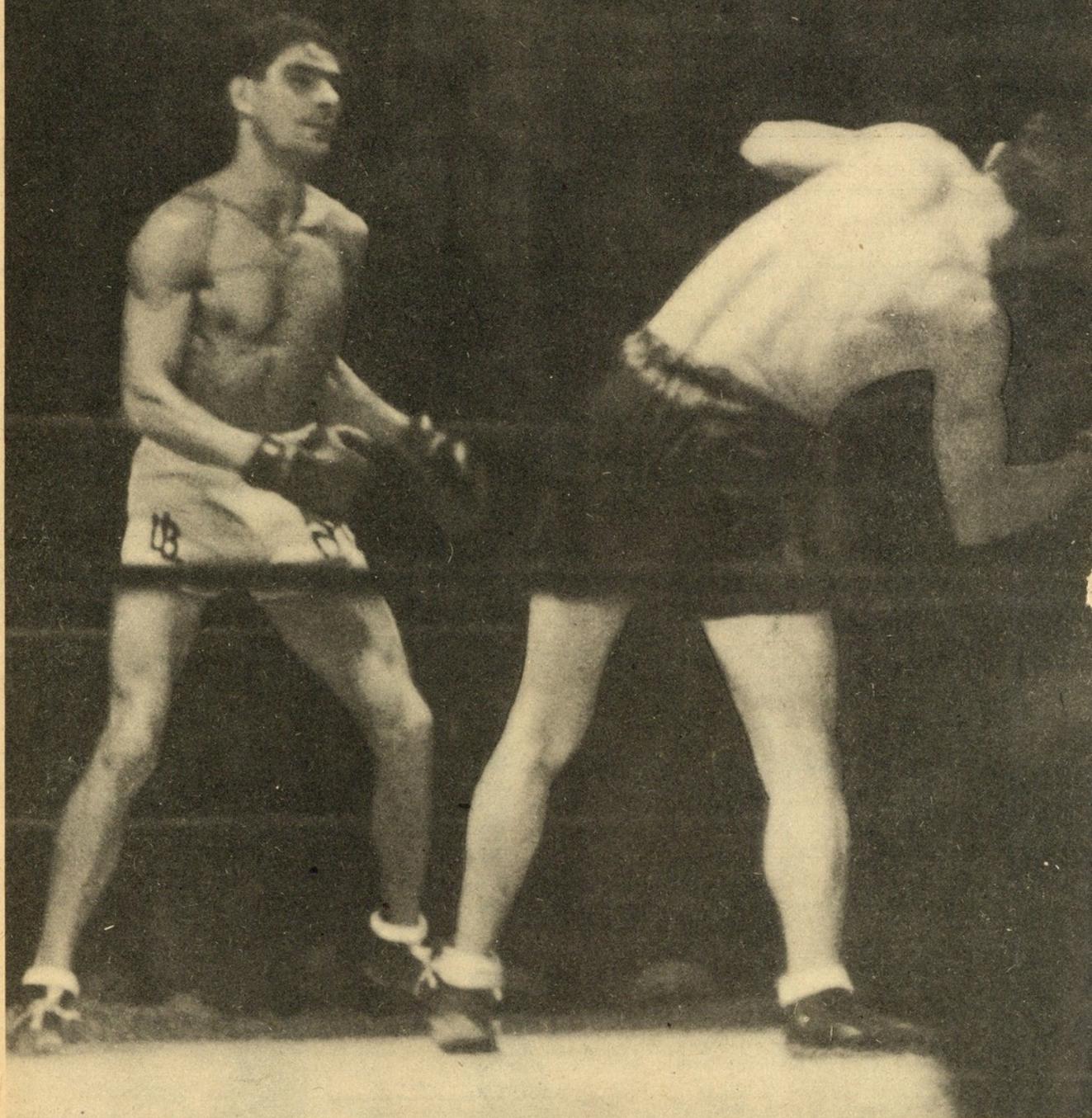
(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

Figuras da Vida
MUNDIAL



O Almirante King, é um dos chefes militares em quem os Estados Unidos mais confiam na sua luta dos mares. Comandante em chefe da poderosa esquadra desse país, a sua acção tem-se revelado notável, especialmente na batalha das ilhas Salomão, em que os japoneses têm visto malograr-se todos os seus esforços para dominar a resistência norte-americana. — (Caricatura de SANTANA).



LEIA NAS PÁGINAS 4 E 5 DÊSTE NÚMERO:
BENI LEVI, O GRANDE BOXEUR PORTUGUÊS,
FUTURO CAMPEÃO DA EUROPA?